



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANGELA FERREIRA

**OBJETOS COTIDIANOS: ÁRABES LIBANESES. TRANSVERSALIDADES NA
RELAÇÃO COM OBJETOS, COISAS E SEUS USOS**

FLORIANÓPOLIS
2020

Angela Ferreira

**OBJETOS COTIDIANOS: ÁRABES LIBANESES. TRANSVERSALIDADES NA
RELAÇÃO COM OBJETOS, COISAS E SEUS USOS**

Dissertação submetida ao Programa de
Antropologia Social da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre
em Antropologia Social
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Vedana

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

FERREIRA, Angela

OBJETOS COTIDIANOS: ÁRABES LIBANESES. TRANSVERSALIDADES NA
RELAÇÃO COM OBJETOS, COISAS E SEUS USOS / Angela FERREIRA ; orientador,
Viviane Vedana, 2020.

74 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis,
2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Imigrantes. Libaneses. Antropologia dos Objetos.
Etnografia.. I. Vedana, Viviane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Angela Ferreira

**OBJETOS COTIDIANOS: ÁRABES LIBANESES. TRANSVERSALIDADES NA
RELAÇÃO COM OBJETOS, COISAS E SEUS USOS**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Gabriel Coutinho Barbosa
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Anaxuell Fernando da Silva
Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA)

Prof. Dr. José Antonio Kelly
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Prof. Dr.(a) Jérémy Paul Jean Loup Deturche
Coordenador(a) do Programa

Prof. Dr.(a) Viviane Vedana
Orientador(a)

Florianópolis, 02 de Março de 2020.

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres que devido a uma política eugenista, são categorizadas como “pardas” vivendo no limbo de identidade e prejuízos disso por toda sua vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que diretamente ou indiretamente colaboraram para que eu chegasse até aqui, principalmente aos professores que desde a graduação me acompanham com seus incentivos me animando a seguir em frente e a vencer mais essa etapa. Aos colegas de mestrado que compartilhando seu carinho e apreço tornaram meus dias menos solitários. A minha querida orientadora Viviane Vedana, por ter aceitado o desafio de me orientar e mesmo distante se fazer tão presente o tempo todo, obrigada pelo bom humor e boas risadas.

Aos professores e professoras, coordenadores e secretários do PPGAS/UFSC, obrigada pelo auxílio nas horas de dúvida e desconhecimento dos trâmites acadêmicos. A CAPES, pelo suporte financeiro sem o qual a realização da pesquisa e conclusão do mestrado se tornaria inviável. Agradeço também ao Instituto Brasil Plural na pessoa de sua secretária Sulane Almeida pelo suporte logístico.

Agradeço a meus pais, Guiomar e Gastão (*In memoriam*), por me ensinarem o amor, a meus familiares pelo apoio moral, meus irmãos Juraci, Alcinéa, Elisabete, Dagoberto e Gilberto que não tiveram a mesma oportunidade que estou tendo, mesmo em idade tardia, de frequentar uma Universidade, pública, de qualidade e gratuita. A minha filha Dandara e meu neto Kauan pelo carinho e afeto que me dão força para continuar a caminhada de todos os dias.

Dedico esse trabalho às mulheres negras, pardas e brancas como minha mãe, que sofreram e sofrem por causa do estigma eugenista chamado cor, e a meu pai que sendo negro, filho de negro escravizado, carinhosamente cuidou de mim e de meus irmãos até o fim de sua vida.

RESUMO

A casa libanesa é marcada pela presença de uma variedade de objetos que carregam, cada um, significados e valores peculiares à cultura e ao modo de vida dos imigrantes libaneses. Essa variedade de objetos encontrados na casa libanesa nos possibilitam elaborar algumas categorias por meios das quais podemos refletir sobre sua identidade cultural, que é acionada constantemente no uso cotidiano destes objetos. É nesse cenário e diante de uma abordagem de observação participante que entramos no mundo dos objetos de uma casa libanesa na “Tríplice Fronteira”, local que se reúnem as cidades de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazu, onde encontramos objetos de herança, objetos protetores, objetos de afeto, objetos de memória, entre outros tantos que de alguma forma remontam e ressignificam a sensação de pertencer ao Líbano e também a esse lugar que é Foz do Iguaçu no Brasil.

Palavras-chave: Imigrantes. Libaneses. Antropologia dos Objetos. Etnografia.

ABSTRACT

The Lebanese house is known by the presence of a variety and characteristic objects that have meanings and values related to the culture and the way of life of Lebanese immigrants. In this research, I focus on these objects and their daily uses to understand how the Lebanese cultural identity is elaborated in the context of immigration. The ethnographic fieldwork was in a Lebanese house in the “Triple Frontier” between the cities of Foz do Iguaçu (Brazil), Puerto Iguazu (Argentina) and Ciudad del Este (Paraguay), where I did participant observation. In this fieldwork I found objects related to inheritance, memory, affection, protection, among others, that reframes the sense of belonging to Lebanon and to Foz do Iguaçu, in Brazil.

Keywords: immigrants; Lebanese; anthropology of objects; ethnography

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Objetos da Estante | 14 |
| Figura 2- Mapa da Trílice Fronteira | 15 |
| Figura 3 - Salão interno da Mesquita | 23 |
| Figura 4 - Bairro Jardim Central | 24 |
| Figura 5 - Jogo de chá da Turquia | 29 |
| Figura 6 - Preparo do Ka'ak | 42 |
| Figura 7 - Partes do Cachimbo de água (Arguile) | 52 |
| Figura 8 - Partes do Cachimbo de água feito pelo pai do senhor Ali | 53 |
| Figura 9 - Cachimbo de água (Arguiles) | 54 |
| Figura 10 - Tipos de Lenço | 63 |
| Figura 11- Quadro com versos do Alcorão | 66 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA Estados Unidos da América

TF Tríplice Fronteira

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 UM PANO DE FUNDO PARA A PESQUISA ETNOGRÁFICA | 12 |
| 1.2 VOLTANDO A TRÍPLICE FRONTEIRA | 17 |
| 1.3 AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA: EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO..... | 24 |
| 1.4 O ORIENTE E OS CONTATOS CULTURAIS POR MEIO DE OBJETOS..... | 28 |
| 2 A CASA LIBANESA NA REGIÃO DA TRÍPLICE FRONTEIRA | 29 |
| 2.1 O MUNDO DOS OBJETOS NA CASA LIBANESA | 32 |
| 2.2 A COZINHA E A DANÇA DOS OBJETOS | 40 |
| 2.3 COMER COM AS MÃOS. AS MÃOS COMO INSTRUMENTO A SERVIÇO DAS “TÉCNICAS DO CORPO” | 42 |
| 2.4 A MESA..... | 44 |
| 3 IDENTIDADE | 46 |
| 3.1 FUMAR ARGUILE. O OBJETO ANTIGO E SEU ESPECTRO..... | 49 |
| 3.2 O LENÇO E SEUS ARGUMENTOS | 57 |
| 3.3 O MASBAHA E O JOGO DE PALAVRAS | 63 |
| 3.4 OBJETOS PROTETORES | 65 |
| 4 CONCLUSÃO | 67 |
| REFERÊNCIAS | 70 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 UM PANO DE FUNDO PARA A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Antes de discorrer sobre a realização da pesquisa etnográfica sobre “Objetos cotidianos: Árabes libaneses. Transversalidades na relação com objetos, coisas e seus usos”, vou descrever o pano de fundo que permitiu o desdobramento da pesquisa de campo realizada entre o período de Abril a Julho de 2019. A escolha em realizar minha pesquisa com uma família libanesa que vive na Tríplice Fronteira está baseada em meu interesse sobre como eles, no seu cotidiano, desenrolam suas relações sociais por meio de objetos concretos e como esses são significados por eles.

Meu primeiro contato direto com os imigrantes libaneses da Tríplice Fronteira se deu por volta do ano de 2007. Morando em Foz do Iguaçu desde 2005 por conta de uma bolsa de estudos de um curso de inglês numa instituição eclesiástica, fui convidada por uma das professoras do curso para fazer um trabalho de tutoria com um menino libanês com dificuldades no aprendizado das disciplinas oferecidas pela instituição educacional na qual estudava. O trabalho de tutoria englobava o acompanhamento do aluno em todas as disciplinas aplicadas na escola. Por se tratar de uma escola bilíngue que ensinava português, árabe falado no Líbano, e o árabe clássico usado para leitura do Alcorão, só me cabia como não falante do árabe libanês nem do clássico, ensinar todas as matérias que eram oferecidas em português.

Esse foi o ponto de partida para o estabelecimento de um contato direto com os imigrantes libaneses da região. Essa primeira família de libaneses que tive contato é composta de cinco pessoas, um casal de libaneses que vive no Brasil cerca de trinta anos com seus três filhos, dois rapazes e uma moça nascidos no Brasil. O vínculo de amizade que foi estabelecido nesse período, quando eu residia na cidade de Foz do Iguaçu no estado do Paraná e ainda não havia tido qualquer contato com a academia, foi o mesmo que possibilitou a realização da presente pesquisa de dissertação de mestrado.

A primeira vez que entrei na casa dessa família de libaneses meus ouvidos demoraram a se acostumar com o idioma que estava sendo falado por seus moradores, posteriormente já com meu entendimento mais aberto para os sons da língua, percebi que na verdade era uma miscelânea linguística que abrangia desde o uso de verbos em português e sujeito e predicado

em árabe libanês. O árabe é uma língua¹ cujo som denota para os que falam português uma certa agressividade no falar devido sua característica glotal que faz com que algumas letras sejam pronunciadas com o arrastar do som vocálico pela glote. Essa impressão foi se abrandando no decorrer do processo de ambientação dos meus ouvidos. As confusões de cunho linguísticos são bem interessantes, mas não cabem no escopo da pesquisa.

Minha adaptação ao cotidiano da casa passou por um longo processo de aprendizagem. Dentro desse processo haviam questões como a de me acostumar com os novos sabores da culinária árabe libanesa que me eram oferecidos todos os dias, além do aprendizado de alguns vocábulos da língua árabe e práticas religiosas islâmicas que meus alunos teriam que cumprir constantemente. Uma relação de confiança e respeito foi se consolidando e permitiu que meu contato com essa família se prolongasse até os dias de hoje. Tive a oportunidade de fazer a tutoria dos filhos até entrarem no ensino médio.

A preocupação dos libaneses em investir na educação de seus filhos pode ser observado em Truzzi (2007) como forma de “ascensão socioeconômica via educação” (Truzzi: 2007, p. 364). Hoje em dia o filho mais velho do senhor Ali trabalha como comerciante, seguindo os passos do pai. Embora tenha entrado num curso de ensino superior e cursado alguns períodos de Direito, relatou-me que vendo seus colegas formados não conseguirem emprego decidiu optar por ter seu próprio negócio. Seus outros dois irmãos, um rapaz e uma moça, estão se dedicando aos cursos que fazem em Universidades da região.

Esse contato direto com os libaneses que vivem na cidade se deu num tempo anterior a minha entrada na academia, e me ajudou a apagar a imagem que eu havia construído a respeito deles antes de ter um contato mais próximo. Isso porque minhas ideias sobre eles estavam fundamentadas em informações equivocadas reproduzidas por alguns moradores da cidade. Minha aproximação dos imigrantes libaneses me permitiu criar uma nova perspectiva e leitura sobre essas pessoas. Pude reavaliar e superar o meu entendimento equivocado sobre a imagem criada no espaço público da imagem posteriormente revelada a mim por meio da aproximação.

Não foi só a língua árabe libanesa que me causou estranhamento, a presença de objetos diferentes que davam a casa um aspecto peculiar a cultura dos libaneses me chamaram a atenção. Quadros com a escrita árabe, uma cristaleira com pequenas taças e jogos de chás delicados com

¹Para mais informações sobre a língua árabe e sua glotalidade consultar: BABA, Ahmed-Salem Ould Mohamed. **Las partículas de la anexión indirecta en los dialectos árabes moderno.** *Anaquel de estudios árabes*, v. 14, p. 201-218, 2003. & GRIMALT, Adrián Llobell. **APROXIMACIÓN A LA LINGÜÍSTICA ÁRABE EN EL CONTEXTO GLOTOCRONOLÓGICO.** Universidade de Alicante, Espanha. “s/d” < <https://alicante.academia.edu/AdriánLlobellGrimalt> > acessado em 07 Fev 2020.

detalhes diferentes, cortinas longas, almofadas, livros em árabe na estante, porta-retratos com fotos de familiares, Arguiles. A primeira impressão que eu tive foi a de uma extrema organização dos objetos e utensílios existentes na casa. Posso dizer que cada coisa parecia estar em seu devido lugar. Essa cena já demonstrava uma relação bem interessante desses imigrantes com seus objetos tradicionais e não tradicionais.

Figura 1 - Objetos da Estante



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019.

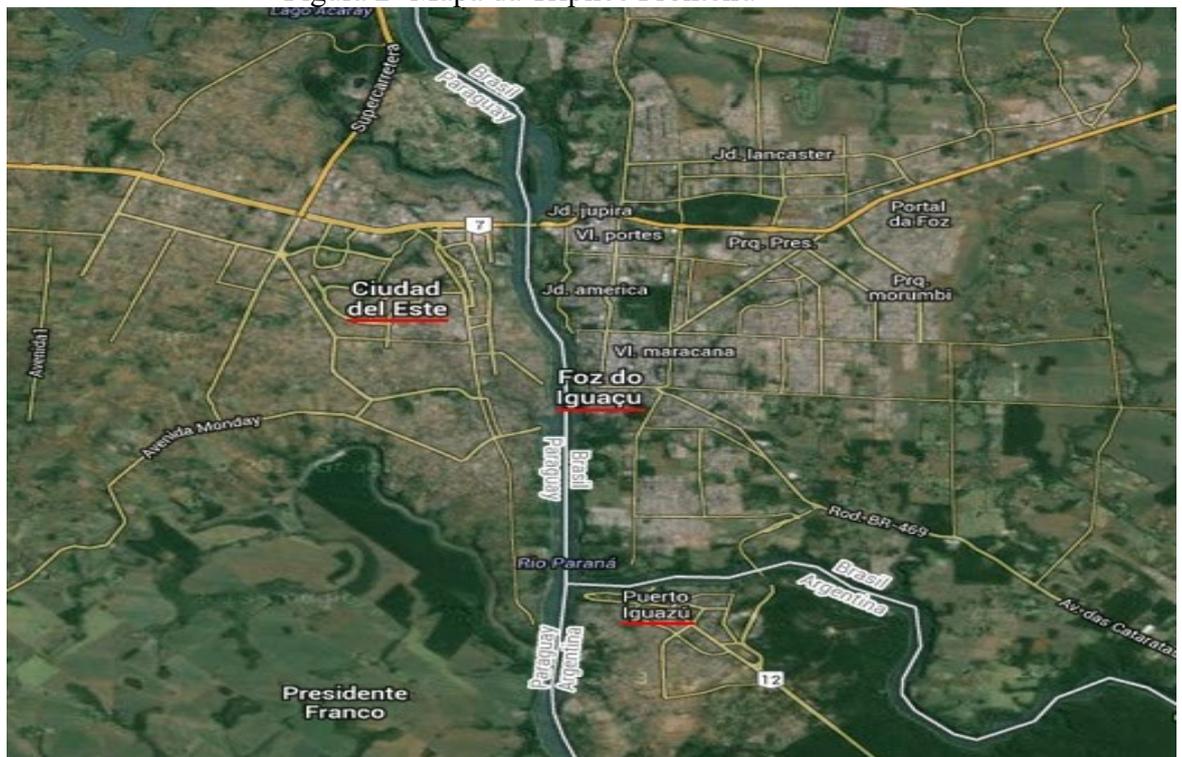
Vou usar aqui algumas ideias sobre objetos que partem de conceituações vindas da arqueologia, mas que me servem como base teórica interessante para minha pesquisa, no sentido de saber o que acontece quando pessoas e objetos se interligam. Gosden e Marshall (1999) tratando sobre a biografia cultural dos objetos como forma de se entender melhor uma cultura material vivida no cotidiano das casas neolíticas ressaltam que os objetos materiais eram estudados pela antropologia, história e sociologia a partir de seu aspecto funcional, dentro do processo social desprezando a capacidade informativa produzida pela relação pessoa/objeto.

Numa perspectiva voltada para antropologia Kopytoffy (2008) se refere a abordagem biográfica para sugerir que se use o mesmo procedimento que se faz para se elaborar a biografia de pessoas para que seja desvelada as biografias das coisas. Para Kopytoffy a biografia das coisas permitiria o acesso a informações sobre os objetos que dificilmente viriam à tona sem o conhecimento de sua trajetória. Essa capacidade informativa que é constituída a partir da

relação pessoa/objeto é especificamente o eixo que utilizo para entrelaçar o tempo e o espaço se que confluem em minha pesquisa com imigrantes libaneses da Tríplice Fronteira (KOPYTOFFY, 2008, p. 91).

A presente etnografia foi realizada no ano de 2019 e teve como cenário a região de Foz do Iguaçu, localizada no Oeste do estado do Paraná, a qual reúne as cidades de Foz do Iguaçu no Brasil, Puerto Iguazú na Argentina e Ciudad del Este no Paraguai, mais conhecida como Tríplice Fronteira (RABOSSI, 2004, p. 24; BÉLIVEAU, 2006, p. 16 MACAGNO, 2011, p. 40).

Figura 2- Mapa da Tríplice Fronteira



Fonte: Google Earth adaptado por Luana Oliveira. Para acesso direto: <http://relatoriosgeo2013.blogspot.com/2013/06/triplice-fronteira-palco-de-conexoes-e.html>

Por meio da observação participante e documentação fotográfica, tendo a casa de uma família composta especificamente por um casal de muçulmanos² e seus três filhos como o cosmos moderador dessas relações, busquei observar como os objetos tradicionais que reforçam o vínculo com o modo de vida no Líbano são significados com os objetos não-tradicionais que são articulados junto a esses dentro do espaço da casa. Deste modo a pesquisa teve como objetivo observar a maneira como as interações sociais envolvendo pessoas e objetos ajudam aos imigrantes libaneses a manter o vínculo com a forma de vida que deixaram para trás, ao

² Não vou informar o seguimento islâmico, para evitar qualquer mal-estar que possa ser gerado posteriormente.

mesmo tempo que ajudam a esses imigrantes a reelaborarem ou se condicionarem a uma nova forma de vida, numa constante invenção das formas de ser libanês no Brasil construída a partir das condições locais.

A abordagem teórica discorre sobre um relato histórico por meio do qual os libaneses foram levados a condição de imigrantes, e passa a apresentar os contextos nos quais foram estabelecidas tais imigrações. A seguir o território onde se dá a pesquisa de campo é descrito. Entrando no cotidiano da casa onde os objetos que fazem parte do cotidiano se encontram e onde são desenvolvidas as ações que possibilitam a análise das interações sociais produzidas no contato dessas pessoas com objetos, o texto apresenta uma reflexão sobre quais conexões se tornam possíveis a partir desse contato no espaço privado da casa.

Para esta pesquisa de mestrado minha proposta inicial era usar o registro audiovisual como principal fonte de informação para análise das interações sociais produzidas pelo contato entre pessoas e objetos e a entrevista em profundidade, que geralmente é utilizada quando não há restrições do entrevistado quanto ao tempo usado para entrevista permitindo uma aproximação direta entre entrevistador e entrevistado por meio do encontro no qual se utiliza recursos como a gravação consentida para posterior transcrição, facilitando obtenção de informações mais detalhadas sobre a trajetória de vida do entrevistado. Em uma perspectiva epistemológica esse tipo de entrevista “permite acessar o campo de percepção de mundo” e as “experiências e vivências desses sujeitos” (POUPART, 2014, p.216).

O método inicialmente aventado sofreu algumas mudanças. No plano inicial elaborado no projeto de pesquisa fiz a observação sobre como a vida privada dos libaneses é cercada de cuidados e que as pessoas que tinham acesso a esse espaço eram pessoas que conseguiram ao longo de anos estabelecer uma relação de confiança e respeito. Como eu já tinha esse acesso pude pensar no projeto como algo possível e realizável. Estabeleci que a fotografia como registro visual seria uma excelente ferramenta para produção de dados para a pesquisa, pois como artefato a fotografia assume o locus de documento e fonte histórica (KOSSOY, 2014), o que torna o registro relevante para possibilitar pesquisas posteriores.

Ao retomar o contato com a família libanesa a qual descrevo ao longo da pesquisa, com o fim de realizar a pesquisa de campo do mestrado, tive a oportunidade de avaliar quais seriam os entraves do método que propus usar. Percebi que teria algumas limitações com a gravação das imagens dentro da casa. Como Peirano (1992) ressalta, na “Antropologia, a pesquisa depende” de vários elementos inclusive das “imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados” (PEIRANO, 1992, p. 09). As

limitações com as gravações dentro da casa estão implícitas no que significa o espaço da casa em sua dimensão cotidiana para a mulher libanesa.

A casa como ambiente privado é para a mulher libanesa muçulmana o espaço onde ela pode ter a liberdade de não usar seu véu e seu roupão característico que elas chamam de *abaya*³. Dentro desse seu espaço privado cotidiano ela se veste com roupas que considera confortáveis, não que o usar suas roupas tradicionais seja para ela desconfortável, porém é nesse espaço que se sente à vontade para se vestir como deseja. O fato de eu querer fotografar dentro da casa causou certa apreensão, e me levou a negociar com muito cuidado as fotos e filmagens que faria ao longo da pesquisa.

Parte da negociação foi se estabelecendo durante a observação participante. O quadro do trabalho de campo sofreu várias mudanças devido a acontecimentos inesperados com a família. A situações imprevisíveis que Peirano (1992) assinala foram trazidas a existência no dia-a-dia do meu campo e me fizeram reformular inúmeras vezes o modo de abordagem e registro. Uma das negociações que se deu no decorrer da pesquisa foi acerca da identificação, por isso vou me referir aos meus interlocutores como senhor Ali e dona Ada. Os nomes de seus filhos e parentes também serão preservados.

1.2 VOLTANDO A TRÍPLICE FRONTEIRA

A cidade de Foz do Iguaçu está localizada no Oeste do Paraná, é um polo turístico conhecido mundialmente, agregando atrações como a Usina hidrelétrica de Itaipu e as Cataratas do Iguaçu com seus milhões de litros de águas. A cidade também é conhecida pelo acesso que dá ao Paraguai pela Ponte da Amizade. Paraíso das mercadorias *Made in China*, sendo a possibilidade de se abrir um estabelecimento comercial no Paraguai um dos motivos que atrai os imigrantes libaneses para essa fronteira (BÉLIVEAU, 2006; MACAGNO, 2011). Antes mesmo da existência da abertura do comércio intenso no Paraguai e Construção da Itaipu, Foz do Iguaçu já atraía os mercadores libaneses.

³ Barakat discorrendo sobre a identidade libanesa em Foz do Iguaçu observa que “o vestuário das mulheres e meninas que identifica os membros da cultura libanesa. Com roupas dos pés à cabeça em uma cidade aonde a temperatura chega a quarenta e cinco graus, as mulheres libanesas sempre saem acompanhadas de seus familiares homens ou de outras mulheres” (Barakat: 2008, p. 145). Quando vemos uma mulher muçulmana que se veste tradicionalmente andando na rua usando a *abaya* e o lenço, não pensamos que o calor que ela sente seja igual ao nosso. O calor que dona Ada sente quando sai à rua em seus trajes tradicionais, não é diferente. Ela sente calor e reclama disso. As pessoas sentem calor independentemente do tipo de clima de onde vieram ou que tipo de roupa estão habituadas a usar. (grifo meu)

Uma das versões sobre qual o primeiro libanês a chegar na TF é contada pelo filho de um mercador que chegou na região na década de 1950. Nessa época Foz do Iguaçu era apenas um posto do Exército brasileiro que agregava um batalhão de fronteira. Ele conta que seu pai, um mascate libanês, chegou na cidade com sua carga de tecidos e utensílios domésticos vendeu tudo que tinha para as famílias dos militares e resolveu trazer sua família para abrir uma loja em frente ao Batalhão. Posteriormente primos e amigos que viviam nas cidades de *Baloul* e *Lala* no Líbano de onde ele e sua esposa vieram se sentem motivados a vir para o Brasil, dando origem a uma pequena colônia libanesa⁴ (BARAKAT, 2008, p.145) que subsiste até os dias de hoje.

Atualmente a comunidade libanesa desfruta de uma estrutura que permite que seus filhos que nasceram na TF tenham a oportunidade de serem educados em escolas bilíngues onde se aprende a ler e escrever a língua portuguesa falada no Brasil e o árabe falado no Líbano. São escolas particulares⁵, portanto só estudam as crianças cujos pais têm condições de arcar financeiramente com este custo, independentemente de serem libaneses ou descendentes. Geralmente os alunos são filhos de comerciantes libaneses que possuem comércio do lado paraguaio e brasileiro, mas não em sua totalidade, que frequentam essas escolas.

Essas escolas mantêm uma grade curricular que inclui estudo religioso como uma de suas disciplinas. A mesma possui conteúdo voltado para o ensino dos princípios regidos pelo islamismo. Nesse contexto a criança que frequenta a escola é imersa diariamente em um ambiente onde tem a possibilidade de aprender a escrever e ler a língua materna de seus pais e familiares além de se adaptar aos preceitos que constituem a religião islâmica.

A escola então se torna um espaço organizado para que as crianças sejam socializadas e educadas de maneira particular para viverem como muçulmanas assim como os membros de suas famílias. O ambiente escolar com professores brasileiros e libaneses reproduz os dois lados do cotidiano vivido pelos imigrantes libaneses. De um lado a língua árabe representando o cotidiano privado que se desenrola dentro de um lar libanês e do outro a língua portuguesa articulada na parte a qual o cotidiano se desenrola em um espaço público.

Esse detalhe sobre as línguas que atravessam o cotidiano dos imigrantes libaneses que vivem na TF ajudam a determinar a potência que as influências, sejam elas de ordem privada

⁴ Existem outras versões sobre quem e quando foi que o primeiro libanês chegou na região. (ARRUDA, 2008; CARDOZO, 2013)

⁵ Em momento posterior a realização da pesquisa em "carta aberta à comunidade de Foz do Iguaçu", o Colégio Árabe Brasileiro informa que vai encerrar suas atividades". Em carta a Escola alega falta de apoio da comunidade. Fonte: <https://www.h2foz.com.br/noticia/colégio-arabe-brasileiro-de-foz-do-iguacu-vai-fechar-definitivamente-este-ano>

ou pública, vão exercer sobre a vida de filhos de imigrantes libaneses. Andar pelas ruas de Foz do Iguaçu é um exercício diário de convivência com diversas nacionalidades, etnias e línguas. Imigrantes e visitantes vindos de várias partes do Brasil e do mundo circulam e fazem da TF um lugar onde a diversidade cultural pode ser observada nos espaços públicos, templos religiosos e na variada gastronomia oferecida pelos restaurantes locais.

Em meu retorno para Tríplice Fronteira, após quase um ano fora, pude perceber algumas mudanças principalmente ao que se refere ao comércio local, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio, com uma quantidade muito maior de lojas fechando suas portas. Apesar desse cenário até então ser recorrente, com a presença de um ciclo econômico de altos e baixos que sempre afetou o comércio da região, o que me chamou a atenção foi a proporção que atingiu um aumento considerável nos últimos dois anos. Esse aumento vem se configurando gradativamente com ações da Receita Federal junto a Polícia Federal na repressão pelo “descaminho” (crime contra a ordem tributária Art.334 de 8 de Julho de 2014) e “contrabando” (Art. 334a). O dólar é a moeda usada como base para comercialização de mercadorias do país vizinho e a alta no seu câmbio afeta diretamente o comércio de Ciudad del Este no Paraguai.

O trânsito de sacoleiros vindos de algumas regiões do próprio Paraguai, da Argentina e do Brasil que compram em grandes quantidades para suprir os “mercados populares de suas respectivas cidades” (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 230) vem diminuindo, desestabilizando economicamente a região. Isso afeta diretamente os comerciantes que estabeleceram suas lojas no Paraguai e indiretamente o comércio local de Foz do Iguaçu que atualmente ainda sofre com a diminuição da circulação de dinheiro. Isso é confirmado por comerciantes libaneses e brasileiros da região central da cidade de Foz do Iguaçu que veem a diminuição do poder aquisitivo de moradores da cidade afetar o fluxo de compras no comércio local.

Há uma tendência entre os libaneses que possuem estabelecimentos comerciais em Ciudad del Este no Paraguai, que faz com que em tempos de crise muitos deles fechem suas lojas e se desloquem para outras cidades e capitais dentro do território brasileiro e América latina na busca de novas oportunidades. Lembro de alguns imigrantes libaneses que entre os anos de 2014 e 2017 optaram por mudar de cidade na tentativa de não perder o que haviam conquistado até então. Um deles que tive contato pessoal foi para São Paulo abrir estabelecimento comercial na Rua Vinte e Cinco de Março e conseguiu prosperar e estabelecer domicílio na cidade de São Paulo. Outro que foi para Brasília trabalhar com a venda de *Shawarma*, sanduíche de carne ou frango feito com pão pita conhecido na TF como pão-árabe,

já não se deu muito bem, após seis meses retornou a Foz do Iguaçu onde deixou sua família. Soube de alguns imigrantes libaneses que foram para o Chile abrir comércio e tentar a sorte por lá. Mas não tive notícias desde então.

O fechamento de lojas do lado brasileiro e paraguaio não é um fenômeno recente, tenho visto isso acontecer desde quando fui morar na região. A situação de permanência dos imigrantes libaneses no Brasil depende de alguns trâmites específicos para que esse mesmo imigrante tenha seu visto permanente. Libaneses com filhos nascidos no Brasil têm o direito de permanecer, mas precisam regularizar a documentação. Alguns libaneses que passaram pelo processo relatam que conseguiram o visto por meio da realização de uma prova escrita contendo o tema sobre a Declaração dos Direitos Humanos. Viver muitos anos no Brasil não garante ao imigrante libanês⁶ o domínio da língua, e isso torna o processo para conseguir visto permanente conturbado.

No período da pesquisa pude fazer parte do cotidiano em uma troca muito rica que me permitiram ter contato com outros imigrantes libaneses que vivem na fronteira. Essa troca aparece como consequência do desenrolar das relações pesquisador/pesquisado que enriqueceram mais ainda a pesquisa. Em uma de minhas saídas da casa do senhor Ali para comprar algo que dona Ada precisava para compor o jantar, tive a oportunidade de conversar com o senhor Yussef e sua esposa Rodha donos de um pequeno comércio local. Na verdade, eu já conhecia o casal que têm seu comércio bem próximo do local que eu havia morado há alguns anos no centro da cidade de Foz do Iguaçu. Dona Ada já havia ligado comunicando que eu buscava o pedido.

Ao chegar no estabelecimento eles logo me reconheceram e me receberam amistosamente, enquanto esperava a encomenda feita por dona Ada, a conversa se desenrolou para as questões sociais da cidade. Senhor Yussef estava meio que desolado pela queda nas vendas que nos primeiros meses do ano de 2019 haviam despencado e que a quantidade de pessoas pedintes nas ruas havia aumentado muito.

A questão sobre o porquê esses imigrantes vieram para o Brasil não está diretamente ligado a uma escolha deliberada, mas a uma rede que foi se formando e tendo seu alcance geográfico alargado dentro do território e ao longo de toda uma história de imigração que se estabeleceu desde os fins do século XIX. Pelo que pude observar ouvindo imigrantes libaneses vindos do Líbano ou de outras regiões do Brasil para viver na TF desde a década de 1980 e 1990, é que esses chegaram ao Brasil por meio de uma rede ligada às suas famílias e amigos.

⁶ Ao longo da pesquisa usarei a forma “imigrante libanês” para me referir a homens, mulheres e crianças.

Gattaz (2012) observa que essas redes se formam por meio da família e de pessoas do círculo de convivência desde os anos finais do século XIX, essa prática é confirmada e argumentada por Truzzi (2007, p. 362). A vinda dos imigrantes libaneses para o Brasil acontece a partir de uma imigração que aparentemente em seus momentos iniciais não foi estimulada oficialmente e que se consolidou no espaço de inserção urbana, tendo no comércio a esperança de estabilidade econômica.

É importante observar que a maioria dos imigrantes libaneses que vieram para o Brasil no período entre os séculos XIX e XX eram pequenos agricultores que vinham sem dinheiro, o que tornava impossível se estabelecerem como produtores rurais (Ibidem, 2007, p. 30), portanto muitos deles já chegavam no Brasil com a intenção de se dedicar a atividades comerciais⁷. No caso da TF, tios e primos que chegaram em períodos anteriores e obtiveram sucesso em sua empreitada, logo comunicavam as oportunidades que haviam na região para se ter êxito no âmbito econômico ao que se refere principalmente ao comércio local. Arruda (2008) observa que

Os primeiros libaneses chegaram ao lado brasileiro e, somente anos mais tarde, estabeleceram seus comércios no Paraguai. Não existem dados oficiais ou uma certeza a respeito da data exata de chegada dos primeiros imigrantes dessa origem na cidade. Porém, especula-se, e a literatura reconhece a vinda dos primeiros mascates, por volta da década de 1940 e 1950, vendendo produtos aos militares que habitavam a região. A quantidade maior veio, de fato, após os acordos firmados entre os governos para a construção da Ponte da Amizade. Estavam interessados em vender produtos brasileiros no Paraguai, no início dos anos 1960. Muitos mascates que rondavam o interior de São Paulo e do Paraná estenderam suas viagens para as proximidades da fronteira e, vendo o potencial de crescimento da cidade, começaram a estabelecer lojas fixas na região. (ARRUDA, 2008, p.47)

Em momento anterior a pesquisa, devido ao fato de ter morado alguns anos na TF, pude presenciar a chegada de muitos imigrantes libaneses que eram recebidos por parentes e seus conterrâneos. O modo como os imigrantes libaneses se estabelecem na TF, é muito parecido com o modo que eles conseguiram se estabelecer nas várias cidades do Brasil nas primeiras décadas do século XX. O mascatismo era usado como forma de se acumular finanças e futuramente abrir seu próprio negócio. Esse cenário é rememorado por Truzzi (1993) quando afirma que “os mascates em geral trabalhavam para patrícios já estabelecidos que lhes adiantaram as mercadorias a serem vendidas. O acerto de contas com o fornecedor podia ser

⁷ Gattaz (2012, p. 39) aponta a existência de “diversos casos relatos de imigrantes que chegaram com o capital necessário para a abertura de negócio, visando tão somente o crescimento material e subsequente retorno ao Líbano” no início do século XX.

feito, portanto, após a venda de parte dos produtos a serem comercializados” (TRUZZY, 1993, p. 35).

Quando se trata de homens solteiros geralmente são recebidos por tios ou primos que já estabeleceram suas lojas e comércio na região, esses muitas vezes oferecem mercadorias em consignação para que o recém-chegado possa se estabelecer. Ficam hospedados alguns meses até poderem alugar algum apartamento e se manterem financeiramente. Quando se trata de homens com famílias já constituídas no Líbano, já chegam com algum capital para investir na abertura de algum comércio que esteja ligado a atividades exercidas anteriormente (TRUZZY, 2007; GATTAZ, 2012). As redes sociais que se configuram em laços familiares e de pertencimento se demonstram bem estabelecidos quando se trata de emigração de libaneses para a TF podendo ser comparada com as redes sociais⁸ que se consolidaram em outras regiões (OSMAN, 2007; Ibidem, 2007).

Um dos bairros que reflete um pouco esse perfil de formação de redes na região da TF é conhecido como Jardim Central. Visitado por turistas de todas as partes do mundo, esse bairro agrega uma quantidade considerável de imigrantes libaneses. Lá está localizada a Mesquita *Omar Ibn Al-Khatab* do seguimento sunita, dentro de seu perímetro se encontram o Centro Cultural Beneficente Islâmico e a Escola Árabe Brasileira. A Mesquita é uma construção imponente que agrega dois minaretas localizados nas extremidades e uma cúpula ou domo central. A parte interior guarda as paredes côncavas circundadas por uma faixa desenhada em seu entorno com os noventa e nove nomes de *Alláh*, vocábulo árabe que significa Deus.

O chão, lugar de oração, é forrado por um grande tapete desenhado com colunas gregas que formam pequenos pórticos em cor rosa num fundo azul posicionados em direção a Meca. Ali só os homens podem se prostrar para fazer suas orações, sendo reservado às mulheres um espaço separado. Na figura a seguir podemos visualizar um membro da comunidade libanesa fazendo a leitura do Alcorão e o chão da Mesquita que foi descrito anteriormente.

⁸ Para melhor entender e ter uma noção mais abrangente sobre como as “redes migratórias” e redes sociais” se articulam e se organizam ver Peixoto (2014, p. 28)

Figura 3 - Salão interno da Mesquita



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019.

Segundo relato de alguns frequentadores da Mesquita, a separação dos espaços para homens e para mulheres se dá para que seja evitado o constrangimento de uma mulher estar prostrada a frente dos homens. Um lustre suntuoso pendurado na parte central completa a iluminação do lugar que é favorecida pelas janelas. Algumas delas em formato de pórtico se localizam no entorno da base e outras na parte mais alta em direção ao domo. Um púlpito em formato de pórtico com quatro pequenas colunas gregas localizados na parede a frente da entrada principal da Mesquita deixam espaço para uma pessoa, geralmente o *Sheik* ou *Mulá* representantes religiosos da comunidade tomam esse espaço para fazerem seus discursos e chamada a oração nos dias de eventos especiais. O Bairro Jardim Central está representado no mapa a seguir onde a Mesquita *Omar Ibn Al-Khatab* aparece delimitado por uma linha amarela e o Lar Druso Brasileiro por uma linha verde.

Figura 4 - Bairro Jardim Central



Fonte: Google Earth Foto adaptada com marcações inseridas pela autora, 2019.

Alguns espaços que podemos ver no mapa como áreas verdes atualmente deram lugar a construção de prédios nos quais vivem em sua maioria imigrantes libaneses e seus descendentes. Essa mudança promoveu a abertura de estabelecimentos comerciais voltados para produtos árabes, confirmando a fama do bairro como um reduto de libaneses. No mesmo bairro encontramos o Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, de seguimento xiita.

1.3 AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA: EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO

Quando penso na ótica pela qual devo enxergar um libanês que escolheu, ou não, viver no Brasil, reflito na condição de temporalidade que atravessa o itinerário que esses fazem, em sentidos (direções) diferentes, e em cada fase que vive no seu processo de traslado. Para Sayad (1998) existe uma lógica do movimento migratório que faz uma conexão entre a condição de “emigrante de lá...” e “imigrante aqui...”. Para ele uma “ordem linear” faz com que uma “dupla dimensão de fato coletivo e de itinerário individual” surja marcando a “trajetória e a experiência singulares do emigrante e imigrante” (SAYAD, 1998, p. 13). No caso do imigrante libanês vimos desde o final do século XIX que

A pretensão inicial era uma imigração temporária, destinada a redimir suas famílias de situações sociais e econômicas difíceis, desfavoráveis. Mas o que pretendia ser provisório acabou se tornando permanente e, em vez de o imigrante retornar, a família é que o acompanhou. Irmão puxando irmãos, filhos, esposas, primos, pais, tios, avós, conterrâneos, conhecidos. (TRUZZI, 2007, p. 361)

Essa pretensão inicial, que aparece como motivação para emigração nos finais do século XIX, atualmente ainda aparece como justificativa para os libaneses virem morar no Brasil. A partir do início do século XX a política de imigração faz com que o Brasil se torne uma opção interessante para os libaneses que não conseguiam entrar nos Estados Unidos. Gattaz (2012) destaca que relatos dos pioneiros sustentam que nesse período os libaneses viam na América um lugar de oportunidades, e que essa América para os libaneses compreendia os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina. Conseqüentemente a falta de conhecimento geográfico possibilitava que “agentes de viagens” enganassem os viajantes alegando que Brasil também era América. A permanência dos libaneses no Brasil era alimentada pela “liberdade de culto vigente em todo país”, algo que até hoje pode ser considerado um ponto positivo para que imigração de libaneses para o Brasil continue acontecendo (GATTAZ, 2012, p.87).

Quando perguntei a alguns libaneses por que vieram para o Brasil, a resposta sempre se liga a falta de perspectiva que as condições de vida no Líbano oferecem, a possibilidade de dar uma educação melhor para seus filhos e melhorar as condições econômicas da família que ficou no Líbano. O imigrante libanês não é como o “emigrante da Cabília” (SAYAD, 1998, p. 25) que lamenta sua má sorte diante de tantas dificuldades vividas em seu país devido aos conflitos internos. Na sua condição de emigrante, o libanês busca lugares onde possa desenvolver qualquer tipo de empreendimento que possibilite melhorar sua condição de vida e de sua família (CABREIRA, 2001; GATTAZ, 2007). A imigração libanesa tem uma trajetória amparada em suas razões próprias.

Truzzi (1993) apresenta um histórico muito interessante sobre como a imigração libanesa foi se moldando. O território cujas fronteiras incluíam o Líbano até o fim da Primeira Guerra era conhecido como Grande Síria. No Líbano desse período não existia uma estrutura de transporte que integrasse suas regiões forçando suas comunidades a se adaptarem a um regime econômico de autossuficiência. As comunidades formadas basicamente por agricultores e artesãos supriam internamente com sua produção as aldeias fortalecendo os laços pessoais em suas relações sociais. O advento da industrialização e a abertura do Canal de Suez⁹, permitiu

⁹ O canal de Suez é uma hidrovia aberta em 1869 ligando o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Para entender sobre os conflitos políticos causados pela abertura do Canal de Suez: FERRER, Francisca Carla Santos; MATOS,

que bens manufaturados chegassem até as áreas rurais, aldeias e cidades de toda região desorganizando as economias locais.

Conseqüentemente as famílias que tradicionalmente tinham na agricultura e produções artesanais, que abrangiam a fabricação têxtil, com produtores de seda seus tecelões e tintureiros, produtores de cerâmica e cestos de palha, se viram em dificuldades diante da necessidade de sustentar famílias que chegavam a ter “três gerações vivendo sob o mesmo teto” (Ibidem, 1993, p. 5). Isso tudo reforçava a tendência migratória que os libaneses adotariam desse período em diante.

Nos primeiros momentos da imigração libanesa, que se deu entre 1890 e 1910, a intenção dos que emigravam saindo do Líbano para a América era de ganhar o máximo de dinheiro possível e enviar remessas para a família se manter, se reorganizar economicamente e posteriormente retornar ao seu país. Truzzi (1993) observa que nessa fase

“o movimento migratório respondia às pressões econômicas, demográficas e políticas anteriormente mencionadas exercidas sobre a população, mas uma série de elementos sugerem que um elemento cultural mais fundamental perpassava a decisão das famílias que enviavam seus filhos, costurando e robustecendo a convicção de cada um dos que imigrou. Por sobre as dificuldades de caráter estrutural, aquilo que estava realmente em jogo era a defesa do prestígio de cada família na sociedade local, de modo que as famílias foram sendo cada vez mais compelidas a enviar um ou mais membros à América se desejassem manter sua posição relativa nas aldeias.” (TRUZZI, 1993, p. 12)

Após esse período, a imigração toma outro rumo. A Primeira Guerra Mundial muda o quadro político e econômico da região, fazendo com que o “caráter da migração” passe “de temporária para permanente” (Ibidem, 1993, p. 17). Essa permanência não impedia que o envio de “remessa regular de recursos para os parentes que ficaram” continuasse a serem feitas para suas famílias no Líbano (Ibidem, 1993, p. 36).

A figura do “Mascate” aparece justamente como consequência dessa trajetória da imigração libanesa. Os primeiros imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, eram em sua maioria jovens que optaram pelo mascatismo. Como mascate esses jovens libaneses, sem nenhum domínio da língua portuguesa, conseguiam com uns poucos vocábulos que dominavam vender suas bugigangas em cidades afastadas da capital e propriedades rurais (GATTAZ, 2007; TRUZZI, 1993; ALVARES, 2017).

Algumas características nas atitudes dos imigrantes libaneses que vieram para o Brasil entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX ainda aparecem nos

imigrantes que vieram para o Brasil entre a última década do século XX e a primeira década do século XXI. Isso pode ser observado na vida do senhor Ali, que chegou ao Brasil no ano de 1990. Quando perguntei ao senhor Ali porque ele veio para o Brasil, contou-me que precisava ajudar seus pais e seus irmãos que estavam no Líbano e como um de seus irmãos já estava morando no Brasil e estava tendo êxito com o negócio que havia aberto no Paraguai, resolveu vir para também abrir uma lojinha.

Devido aos conflitos e guerras da década de 1980 a situação no Líbano não estava boa para ele ganhar dinheiro e ajudar a família, além disso ele queria casar e para isso precisava juntar dinheiro, afinal já estava com vinte quatro anos e com a vida difícil em seu país não conseguiria juntar o suficiente. Assim que chegou, conta senhor Ali, pegou umas mercadorias com seu irmão e saiu a vender pelas ruas de Ciudad del Este no Paraguai. Ele lembra que nessa época a circulação de pessoas no comércio do Paraguai era ainda muito intensa e que era mais fácil vender do que hoje em dia. Senhor Ali relata que um tempo depois de conseguir abrir sua loja, deixou-a aos cuidados de um primo e voltou ao Líbano para se casar, trazendo sua esposa para constituir família e prosseguir em suas atividades como comerciante no Paraguai.

Pude observar que as motivações do senhor Ali não diferem muito das motivações dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil entre os séculos XIX e XX. No período em que realizei a pesquisa de campo, o senhor Ali já havia se desfeito da loja que tinha a mais de vinte anos devido as vendas terem diminuído muito. Ele optou por voltar a vender abordando diretamente seus clientes, como fizera quando chegou ao Brasil na década de 1990, até que a situação melhora.

Enquanto tomávamos chá e ele fumava seu *Arguile*¹⁰, desabafou meio desolado que não tinha nem estudo nem profissão, vender era a única coisa que sabia fazer, e não queria sair da TF nem voltar para o Líbano. O objeto em sua condição de mercadoria¹¹ é para o senhor Ali, como imigrante libanês que tem sua loja e não tem profissão ou estudo, não apenas um meio de conseguir sustento para sua família, mas também uma referência que marca a sua condição de imigrante da mesma forma como foi referência para os imigrantes que vieram antes dele.

¹⁰ Usarei o termo “*Arguile*” por estar mais próximo da pronúncia da palavra no idioma árabe.

¹¹ “Uma mercadoria é algo que tem valor de uso e que pode ser trocado por uma contrapartida numa transação descontínua, sendo eu o próprio fato da troca indica que a contrapartida tem um valor equivalente, dentro do contexto imediato. A contrapartida de acordo com a mesma lógica, é também uma mercadoria na hora em que foi trocada. A troca pode ser direta ou pode ser feita de forma indireta mediante dinheiro, que tem como uma de suas funções ser um meio de troca.” (KOPYTOFFY, 2008, p. 95)

1.4 O ORIENTE E OS CONTATOS CULTURAIS POR MEIO DE OBJETOS

Relatos históricos (WOOD, 2002) comprovam que a relação dos orientais com objetos e a circulação dos mesmos se deu muito antes do advento burguês da produção industrial. Na região do Oriente Médio os Persas se destacavam por suas habilidades na produção de objetos de prata. Esses objetos tinham grande circulação através da “Rota da Seda” que ligava os portos do Mediterrâneo à China desde o século I até ao XV (PALAZZO, 2009, p 464-465). Palazzo (2009) também observa que havia um intenso fluxo de mercadores que circulavam tanto vindos da China para o Mediterrâneo quanto do Mediterrâneo para a China (HAYASHI, 1975, p.87 apud PALAZZO, 2009, p. 466) ¹².

Esse período, com certeza, favoreceu e possibilitou trocas culturais que possivelmente chegaram até a região conhecida até finais do século XIX como a “Grande Síria” (TRUZZI, 1993, p.3). A Grande Síria é a região em que se localiza o atual Líbano com suas várias aldeias. Essas aldeias se especializaram na produção de seda, atividade possivelmente desenvolvida no contato com outros povos, como resultado de trocas culturais anteriores. O domínio do Império Turco-Otomano sobre o Líbano (TRUZZI, 1993; GATTAZ, 2012) facilitou essas trocas culturais entre países mais próximos à fronteira do Líbano. Objetos vindos da Turquia e Síria, os quais encontramos na casa de alguns libaneses, geralmente são presentes de casamento comprados no grande comércio da capital Beirute. Um exemplo interessante é o jogo de chá de latão incrustado de pedrinhas vermelhas e azuis vindo da Turquia e presenteado ao casal Ali e Ada em seu casamento pelos pais do senhor Ali o qual apresento na foto a seguir.

¹² Não encontrei o artigo de Hayashi na sua íntegra apesar da busca feita em várias plataformas. Uma resenha HAYASHI, Ryoichi. *The Silk Road and the Shoso-in*. New York/Tokyo: Weatherhill/Heibonsha, 1975. Pode ser encontrada em: Kidder, J. Edward. *Monumenta Nipponica*, vol. 32, no. 1, 1977, pp. 116–117. JSTOR, www.jstor.org/stable/2384078.

Figura 5 - Jogo de chá da Turquia



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019.

2 A CASA LIBANESA NA REGIÃO DA TRÍPLICE FRONTEIRA

O que diferencia a casa libanesa da Tríplice Fronteira das demais são os objetos nelas contidos e as pessoas que dentro delas se relacionam com eles. Alguns relatos que encontrei em Osman (2007) mostram que as casas no Líbano, principalmente as localizadas em algum vilarejo do interior, sofrem com uma precariedade em suas estruturas muito parecida com a encontrada em alguns lugares no interior do Brasil. Como o casal de imigrantes libaneses que tornaram possível minha pesquisa vieram de vilarejos como esses entendo que para eles os objetos tenham importância correspondentes a suas relações anteriores e que influenciem diretamente às relações entre os objetos e eles no tempo presente.

A casa, o que se passa dentro dela, e principalmente as relações entre humanos e objetos que se dão cotidianamente em seu interior, permitem a esses imigrantes específicos significar sua identidade cultural longe de seu país de origem, pois como ressaltam Munro e Madigan (1999) “the house itself is home, as are the social relations contained within it”¹³. Independentemente de sua forma, estrutura ou lugar onde são construídas entendo que “The

¹³ Tradução minha - “a casa é ela mesma um lar, com as relações sociais contidas nela.” (MUNRO&MADIGAN, 1999, p.107).

home thus provide a important local whitin which individuals negotiate their daily lives”¹⁴
(GIDDENS, 1984 Apud MUNRO e MADIGAN, 1999, p.107)

A casa libanesa no ambiente da Tríplice Fronteira tem seu formato e estruturas delineados de acordo com os vários padrões desenvolvidos pela arquitetura brasileira. Algumas delas bem simples apresentam apenas os cômodos necessários para se conter uma família que é composta em média de quatro a cinco pessoas. As casas onde vivem os imigrantes libaneses em sua maioria são casas que já estavam construídas e seguem um certo padrão arquitetônico local podendo abranger a forma de apartamento.

A parte mais importante da casa para esta pesquisa é o seu interior. Minha pesquisa trata a casa como um espaço privado sem o alargamento de sentido proposto por Da Matta (1997) na qual ele usa como base a perspectiva de oposição da casa com a rua entendendo “tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa” (DA MATTA, 1997, p. 16-17).

A casa libanesa do imigrante que vive na Tríplice Fronteira possui algumas peculiaridades culturais e ao mesmo tempo se adapta ao modelo arquitetônico oferecido pelo lugar que os imigrantes libaneses escolheram viver, muitos deles já compraram a casa pronta, mas mesmo os que tiveram a oportunidade de construir foram influenciados pela arquitetura local. Atualmente as casas construídas no Líbano tem sua divisão em cômodos bem parecida com as casas no Brasil, mas as casas antigas localizadas em cidades pequenas do interior, em áreas rurais, ainda guardam as características das construções locais. Os libaneses que se destacaram como grandes comerciantes geralmente constroem casas que mais parecem mansões.

Entre os imigrantes mais antigos que vivem na TF existem aqueles que tiveram a oportunidade de construir suas próprias casas. Essas se destacam, em termos espaciais, pela construção de cômodos mais amplos e confortáveis. Muitos dos imigrantes libaneses que já vivem na região há algumas décadas compraram casas e apartamentos construídos e projetados segundo a tendência da época, imigrantes que vieram mais recentemente da mesma forma se adaptaram ao modelo oferecido pelo mercado imobiliário.

Apesar de encontrar imigrantes libaneses vivendo nos diversos bairros espalhados pela cidade de Foz do Iguaçu, existe a tendência de alguns deles escolherem alguns bairros ou

¹⁴ Tradução minha - “as casas fornecem um local importante dentro do qual as pessoas negociam a vida cotidiana.” (GIDDENS, 1984 Apud MUNRO&MADIGAN, 1999, p.10)

prédios específicos para viver. Aparentemente é quase que uma tentativa de reproduzir as relações vividas nas pequenas vilas do Líbano e um reflexo da organização social vivida nas vilas do Líbano onde geralmente famílias inteiras vivem em um prédio construído para abrigar toda a família ou compartilham uma só casa para viver (OSMAN, 2007).

A casa onde vive a família do senhor Ali é composta por cozinha, lavanderia, quarto de empregada com banheiro, copa, sala de jantar conjugada com sala de estar, uma suíte, dois quartos, banheiro, varanda e uma pequena sala de jogos. Os espaços da casa podem ser divididos entre os de uso individual e de uso coletivo. Os quartos são de uso individual e são ocupados habitualmente nos momentos em que há uma necessidade de transição do trabalho ou da Universidade para outro evento. No caso de um dos rapazes, da Universidade para o estágio, e da moça, do trabalho para a Universidade, e na hora de dormir. A suíte do casal é um espaço reservado a eles e da mesma forma é usado nos momentos de transição e para dormir. O banheiro da suíte é de uso exclusivo do casal, o do quarto da empregada de uso exclusivo dela e o banheiro da casa é o usado pelos filhos e pelas pessoas que visitam a casa. Durante o dia dona Ada dedica a maioria de seu tempo a ocupar o espaço da cozinha. Durante o período de pesquisa de campo só a vi sair de casa uma vez acompanhada de seu esposo para ir ao mercado.

Na parte da manhã dona Ada prepara o típico café da manhã libanês com azeitonas, coalhada, azeite trazido do Líbano, pão árabe, *tahine* (pasta de gergelim), *babaganuche* (pasta de berinjela), *húmus* (pasta de grão-de-bico), *Zaatar* (feito com *pão manakish*, mais encorpado que o pão árabe, assado com uma mistura de azeite, gergelim, tomilho e sumagre por cima) acompanhados de chá-preto. Além do processo de feitura ser muito trabalhoso comprar os ingredientes que fazem parte das receitas desses alimentos aqui no Brasil pode custar muito caro, portanto os imigrantes libaneses optam por comprar a maioria desses alimentos já prontos. Existe um grande número de comerciantes que se especializaram no preparo e venda desses alimentos, o que proporciona tanto a libaneses quanto a brasileiros e pessoas de outros países terem acesso à culinária libanesa. Por isso, os únicos alimentos que dona Ada se empenha em fazer é o chá e a coalhada.

A pequena copa é o lugar onde pela manhã o café é servido, e onde todos da casa se aglomeram de vez em quando. Como cada um tem sua rotina o café da manhã geralmente é desfrutado por dona Ada, o senhor Ali, seu filho mais velho e a empregada. No café da manhã libanês a presença de objetos se resume às colheres de chá para o adoçar e aos pequenos pratos para se colocar as pastas e a coalhada que são compartilhados por todos à mesa. A mão faz sua

parte como ferramenta importantíssima na ação de preparar e levar o alimento a boca, ao mesmo tempo em que exerce a dupla função como faca e colher.

O espaço que conjuga sala de jantar e sala de estar é ocupado separadamente em determinados horários. A sala de jantar, devido a rotina pessoal de cada morador da casa, é usada para as refeições principais que acontecem para cada um em horários diferentes. Nas refeições principais os objetos acionados para se fazer as refeições também são diferentes e dependerá de qual morador da casa fará uso do espaço. Há também uma diferença de uso dos objetos e dos espaços durante o período do Ramadan¹⁵. Isso acontece porque durante o Ramadan a circulação de pessoas na casa aumenta e os libaneses têm o costume de oferecer toda fartura de alimentos que têm. Até o Arguile é oferecido a seus visitantes.

Entre os irmãos o filho mais velho do senhor Ali e dona Ada é o que mais respeita o modo de comer dos libaneses usando as mãos como faca e o pão árabe como colher. O rapaz e a moça mais novos, raramente usam as mãos, usam a faca, a colher ou o garfo ao fazerem suas refeições. Há uma diferença no gosto pela comida brasileira e libanesa observada entre os filhos. O mais velho tem preferência pela comida libanesa preferindo o quibe assado, o tabule, húmus, babaganuche, tahine, coalhada e chá-preto, enquanto seu irmão e sua irmã gostam mais das comidas comumente servidas na mesa dos brasileiros como estrogonofe de frango, batata frita, bife e lasanha. Seus pais preferem as comidas tradicionais do Líbano e o modo de comer com as mãos.

2.1 O MUNDO DOS OBJETOS NA CASA LIBANESA

Moles (1972) apresenta conceitos sobre “coisa” e “objeto” os quais usarei para desenvolver meus argumentos. Para Moles “coisas são universais *separáveis* da continuidade a priori da Natureza, quantificáveis e passivos de serem nomeados, que assumem o estatuto de objetos quando são *efetivamente separados* e quantificados pela indústria humana” (MOLES, 1972, p. 33). A coisa isolada, já consolidada em matéria, a partir das transformações coordenadas pela intervenção humana, se torna objeto. Enquanto coisa, a matéria está dentro de um campo de possibilidades de onde se originam os objetos. Esses objetos surgem por meio de interferência humana ganhando uma infinidade de aparências, se desdobrando na forma de uma infinidade de objetos. Assim as coisas corresponderiam ao material em sua forma bruta,

¹⁵ Ramadan é o mês em que se rememora o dia em que o Alcorão foi revelado por um anjo a Mohammad, profeta para os muçulmanos. Não tem um mês ou data fixos, pois o calendário usado pelos muçulmanos é o lunar, diferente do gregoriano que utilizamos. Sua duração é de 29 à 30 dias.

antes de passar pelo processo de transformação e ganhar o aspecto de objeto que se intenciona produzir.

Baudrillard (2009) desenvolve uma abordagem sobre os objetos tratando-os como “deuses domésticos” colocando-os na condição de antropomórficos, ou seja, possuidores atributos humanos (BAUDRILLARD, 2009, p. 22), diferente da condição de objeto como metamorfo que trago a seguir como uma possibilidade de leitura do objeto. Há uma característica que os objetos trazem consigo que é quase onírica. Os objetos são metamorfos, pois têm a possibilidade de se transformarem, mudarem e ganharem novos sentidos de acordo com os padrões de “estímulos particulares de percepção” (GELL, 2005, p.46-47) desenvolvidos por quem interage com eles.

A ênfase que quero expor é a de que existe uma relação humano/objeto na qual as várias interferências no modo de vida em suas relações permitem que a pessoa imbricada nesse processo signifique os objetos de acordo com o estágio de tempo e espaço no qual se encontra, ou seja, no outro lugar, no lugar distante, longe de sua sociedade de origem, longe dos limites, sejam eles geográficos, religiosos, culturais e tradições, em sua condição de imigrante. É nesse sentido que o objeto extrapola sua fixidez sem perder a sua condição, exposta por Ingold (2012), de algo dado.

Quando me refiro ao objeto como metamorfo estou fazendo uma analogia com o conceito de coisa elaborado por Moles (1972), observando a transformação que a coisa sofre enquanto matéria dando origem a uma variedade de objetos. Um pedaço de madeira pode vir a ser um cachimbo, um peso de papel, um cinzeiro, e se transformar em uma infinidade de objetos, ao mesmo tempo em que o próprio objeto pode ser significado de várias formas ao ser deslocado do seu lugar de origem. Ingold (Ibidem) numa outra perspectiva, sugere que “o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mas por *coisas*” (INGOLD, Ibidem, p. 27). Nesse sentido o autor vê a ideia de objeto como algo já definido, pronto, enquanto a ideia de coisa nos remeteria a uma relação onde a coisa depende da vontade humana em manipulá-la, moldá-la, para vir a ser algo que lhe conceda uma objetificação.

A coisa em sua condição de material, os quais são feitos os objetos, está mais voltada para estudos arqueológicos, mas a entendo como significativa e ponto relevante na abordagem antropológica. Ingold (2015) ressalta que os estudos sobre “materialidade”, “cultura material” e “sobre materiais”, deveria nos levar a pensar nos objetos, além de seus atributos, como formas prontas levando em conta os materiais de que são feitos, suas texturas, temperatura, maleabilidade, etc. (INGOLD, 2012, p. 34;50). Quando em minha pesquisa faço referência aos

materiais aos quais os objetos que abordo são feitos é com a intenção de aproximar o leitor principalmente dos objetos tradicionais que estão fora do inventário de objetos que normalmente temos contato em nosso cotidiano dentro de nosso país, nesse caso o Brasil, pois estamos falando de imigrantes libaneses em suas relações com os objetos em solo brasileiro.

A casa de imigrantes libaneses no ambiente da TF é marcada pela presença de uma variedade de objetos, diferente de algumas casas no Líbano (OSMAN, 2007) onde por muito tempo se viveu uma escassez de objetos devido a guerra civil e os conflitos internos e externos que ocorrem em seu território desde a Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948/49), tornando cada um dos objetos adquiridos preciosos para aqueles que os possuem. Estes carregam, cada um, significados que são peculiares a realidade vivida por cada imigrante libanês.

A longo do tempo o ter/possuir qualquer objeto oferece a seu dono condições de negociar esse mesmo de diversas formas – trocando, presenteando, vendendo ou empenhando. A importância do objeto muitas vezes é marcada pelo seu valor monetário que permite que o objeto seja penhorado dando a quem o possui a oportunidade de se beneficiar de seu valor monetário (STALLYBRASS, 2008). Os objetos podem também ser usados para marcar diferenças sociais (culturais, econômicas), assumindo muitas vezes o papel de mediadores das relações culturais e sociais (MAUSS, 2012; MALINOWSKI, 2018), assim como serem “portadores de signos e valores da vida cotidiana” (MOLES, 1972, p.15). Ter algum objeto e preservá-lo faz parte dos vários processos de significação que podem fazer com que esse objeto seja, principalmente para um imigrante, um referencial de vínculo ao modo de vida anterior, ao mesmo tempo que um núcleo a partir do qual se constrói uma nova forma de se viver longe de seu lugar de origem. O papel dos objetos concretos e suas intervenções nas sociedades não pode ser desprezado.

A proposta da “crítica do materialismo” em afirmar que “cultura do materialismo” contamina “relações sociais puras” (MILLER, 2007, p.38), me permite subentender que essas relações sociais puras só são qualificadas como tais quando as relações se dão no âmbito do contato entre humanos sem a mediação ou presença de qualquer outro elemento. Mas a questão que coloco aqui é que se essas relações sociais puras existirem o objeto concreto não faria parte desse processo, se tornando um elemento desnecessário a ela. Entendo que é preciso trazer essa relação para o âmbito cotidiano onde objetos e pessoas desenvolvem o que vou chamar de linhas de contato que atravessam e são interseccionadas por objetos e pessoas em seus mais diversos níveis.

A materialidade, além do sistema simbólico que permite as relações entre seres humanos, se torna indispensável para que sejam ampliadas e consolidadas essas relações. O formato, a

textura, o peso e demais detalhes é que situam os objetos em relação com outras coisas e pessoas. O objeto quando mantido em sua dimensão simbólica permanece irrelevante, pois, o que importa é o seu significado. O desafio é entender que tanto a dimensão simbólica, quanto a material atravessam essas relações permitindo ao objeto se consolidar em sua importância como algo que conecta, liga e expande as possibilidades de que homens/objetos/homens e objetos/homens/objetos se revezem criando vínculos e linhas que passam a existir como resultado dessas conexões. Gosden e Marshall (1999) observam que

Over the last two decades this situation has changed and material culture has come to take the burden of much broader forms of social analysis. People have realized that objects do not just provide a stage setting to human action; they are integral to it¹⁶ (GOSDEN e MARSHALL, 1999, p. 169).

Não podemos ignorar que os objetos em sua concretude carregam consigo significados subjetivos que são peculiares às pessoas que de alguma forma tiveram contato com eles. Estes são lidos e percebidos de acordo com a carga histórica que foi agregada a eles desde o momento de sua produção até ser adquirido por alguém, seja por meio de compra, de trocas, herança, dádiva ou reciprocidade. Essa carga histórica está sendo constantemente reformulada com a mudança de lugar, mudança do uso e com a mudança de pessoas. Dentro de um contexto de relações sociais os objetos aparecem muitas vezes como vinculadores que possibilitam tais relações. Isso é proposto por Miller (2007) que assinala que o termo “materialismo” que é coloquialmente usado

Representa um apego ou devoção a objetos que tomam o lugar de um apego e uma devoção a pessoas. Isso é importante para os estudos de cultura material como um todo, já que expôs uma ideologia subjacente na posição levada até o interesse acadêmico, que é potencialmente visto como uma ênfase errônea nos objetos ao invés das pessoas. (MILLER, 2007, p.38)

Esse entendimento segundo Miller (2007) parte de um estudo onde a cultura material coloca o consumo como algo que alimenta a ideia de uma ética que impulsiona o desejo de extinguir a pobreza. Para Miller (2007) “Não há reconhecimento nessa literatura de que nós vivemos num tempo no qual a maior parte do sofrimento humano é ainda o resultado direto da

¹⁶ Tradução minha: “Nas duas últimas décadas, houve uma mudança nessa situação e a cultura material passou a sobrecarregar formas muito mais amplas de análise social. As pessoas perceberam que os objetos não fornecem apenas um cenário para a ação humana; eles são essenciais para isso.”

falta de bens” nem tão pouco desvaloriza a “crítica acadêmica” sobre a forma “como as companhias tentam vender bens e serviços, ou explorar os trabalhadores ao fazê-lo” (Ibidem, 2007, p.38-39).

As relações entre humanos/objetos se moldam de acordo com os objetos que fazem parte de uma biografia de vida tanto do objeto quanto da pessoa (GOSDEN e MARSHALL, 1999). Esse aspecto parece gerar uma simbiose que faz com que a pessoa crie uma relação com cada um dos objetos que vai além da relação de utilidade gerada pelo cotidiano. Essa biografia moldada num tempo e espaço específicos se desenrola em um contexto em que “as people and objects gather time, movement and change, they are constantly transformed, and these transformations of person and object are tied up with each other”¹⁷ (GOSDEN e MARSHALL, 1999, p. 169).

Marilyn Strathern conhecida por escrever a obra “O Gênero da Dádiva” como resultado de seu trabalho de campo na Melanésia onde discorre sobre o fenômeno da dádiva a partir da leitura de Marcel Mauss, através de uma entrevista concedida a Proa, revista de antropologia e arte on-line faz a seguinte observação ao ser questionada sobre “dádivas que se tornam mercadorias”

“por que eu estou insistindo em falar em dádiva? Pois bem, fui criticada por isso... Eu defenderia minha posição dizendo que é uma questão de escolha, uma escolha de termos, e o vocabulário da economia da dádiva me deu muitos termos que me permitem entender... Mas esses termos são úteis apenas para o propósito de compreender esse conjunto particular de dados, se então deixo esses dados e sigo esses objetos tão logo saiam das Terras Altas, e se eles se tornam, se eles entram no mercado de arte, então com certeza estaremos lidando com (9) mercadorias” (10).” (SIMONI, 2010, p. 9-10)

Parafraseando posso entender que quando um determinado objeto muda de lugar esse mesmo muda de significado, ou seja, a transitoriedade do seu significado se dá junto com seu deslocamento, permitindo que o objeto adquira novos significados.

A coerência dessa ideia aparece no próprio “esquema de pensamento” que rege a Antropologia de Strathern, embora trate de objetos oriundos das relações sociais que ao mudar de lugar se transformam em obra de arte, ela enfatiza o “conceito de relação”, no qual “corpos e coisas não possuem identidades fixas, tampouco essência” (Ibidem, 2010, p. 2) o que torna possível a transitoriedade de significado dos objetos.

¹⁷ Tradução minha: “à medida que as pessoas e os objetos reúnem tempo, movimento e mudança, eles são constantemente transformados, e essas transformações de pessoa e objeto estão ligadas entre si.”

Essa mesma transitoriedade é enfatizada por Kopytoffy (2018) quando afirma que as coisas podem ter seu significado transformado a partir do momento que “a mesma pode, ao mesmo tempo, ser vista por uma pessoa como uma mercadoria, e como uma outra coisa por outra pessoa” (KOPYTOFFY, 2018, p. 89). Essa transitoriedade dos objetos também é argumentada por Gosden e Marshall (1999) que reiteram uma biografia dos objetos ligada a relação com pessoas num processo que demonstra que “Not only do objects change through their existence, but they often have the capability of accumulating histories, so that the present significance of an object derives from the persons and events to which it is connected”¹⁸ (GOSDEN e MARSHALL, 1999, P. 169).

Miller (2007) nos chama a atenção justamente para a importância da “abordagem de cultura material, com o foco sobre o objeto, que nos ajuda a ganhar um senso de humanidade muito mais rico”, justamente pela relação humano/objeto (MILLER, 2007, p.52). Os objetos concretos em sua condição funcional, são adaptáveis a nós humanos, alguns desses objetos são anatomicamente pensados para se moldarem ao nosso corpo, como por exemplo as próteses. Os objetos também podem emanar memória, sentimentos, presença, sensação de pertencer, mexem com nossos sentidos, interferem e complementam nossa condição de estar no mundo. Estas dimensões não são inseparáveis, uma não é mais importante que a outra, pelo contrário, dependem uma da outra.

Os objetos têm o poder se invisibilizar, mesmo diante de nossos olhos, ao mesmo tempo que ganham visibilidade ao serem solicitados. E isso não acontece só porque eles estão guardados em armários, cômodas ou guarda-roupas. Quando nos acostumamos com o espaço cotidiano de nossa casa alguns objetos passam despercebidos. Um tratado entre a casa e os objetos parece torná-los invisíveis. Esquecidos em seu lugar já cativo no espaço da casa, parecem passar por um processo pelo qual o tempo faz com que aconteça uma simbiose tão perfeita com o todo da casa, ao ponto de se tornarem invisíveis aos olhos dos que diariamente transitam dentro dela. Esses objetos só se tornam visíveis quando as ações cotidianas os acionam a participar em suas interações. Essas interações se montam em meio a intersecções muito variadas.

Como um sistema complexo que se organiza a partir de um cotidiano onde humanos e objetos estão em contato permanente, seja para suprir uma necessidade funcional, seja para rememorar a ausência de alguém, seja para trazer ao espaço da casa uma “ambiência”

¹⁸ Tradução minha: “Ao longo de sua existência os objetos não apenas mudam, eles também têm a capacidade de acumular histórias, de forma que seu significado atual é oriundo das pessoas e dos eventos aos quais está ligado.”

(BAUDRILLARD, 2007, P.37) que reafirme a sensação de pertencer ao lugar de origem. O lidar com objetos no cotidiano é reformulado numa constância cada vez mais criativa. O que observo que os usos dos objetos ganham significados novos a cada ação direcionada para resolver questões de possibilidade de uso. Quando usamos os objetos, fazemos porque estes nos auxiliam e facilitam de alguma forma o executar a tarefa que tem que ser realizada.

Os objetos são planejados e feitos a mão ou fabricados em escala industrial para suprir uma função que surge de uma determinada demanda. Wilson (2013) observa que os objetos usados na cozinha, quando criados, sempre são acompanhados de uma gama de acessórios, como os gadgets definidos por Moles (1972) como “pequeno objeto ou acessório de um objeto maior” (MOLES, 1972, p.206). Isso pressupõe que a criação de um objeto gera a necessidade de muitos outros para dar conta de sua eficiência funcional ou multiplicar as possibilidades de uso. Wilson (2013) ainda apresenta alguns exemplos que nos ajudam a entender sua perspectiva, como por exemplo as frigideiras antiaderentes que precisam de talheres especiais para serem manuseadas. Essa demanda atende a uma quantidade razoável de pessoas que necessitam que determinados objetos executem determinadas funções.

Nessa esteira em que o objeto é acionado quando se têm necessidade de seu uso, nos deparamos com os objetos que não fazem parte do inventário da casa, mas que esporadicamente são acionados para que se possa suprir a necessidade de se realizar uma tarefa qualquer. Posso tratar esses objetos como ausentes por não estarem à disposição para o uso imediato. Estar dentro de uma casa de imigrantes libaneses na TF é estar em contato direto com um cotidiano que está muito longe dos estigmas criados pela população local. Ouvi muitas descrições universalistas antes de ter contato direto com imigrantes libaneses, principalmente ao que se refere às uniões matrimoniais entre primos. Osman (2007) afirma existir uma tendência recorrente de casamento entre primos, tanto paralelos quanto cruzados (OSMAN, 2007, p.26;62;120;137;265), mas que seria apenas uma das estratégias de manutenção das relações de confiança entre os membros da família.

Nas relações sociais que cercam a família do senhor Ali e dona Ada, pude observar dentro do círculo familiar que formaram ao seu redor, a presença de uma quantidade razoável de primos e primas, mas o único matrimônio que existe entre primos dentro do contexto familiar é entre primos em terceiro grau. O próprio casal, Ali e Ada não têm nenhum tipo de parentesco além do matrimônio. Apesar de não existir nessa família essa estratégia de casamento entre primos como suporte para manutenção das relações de confiança, a importância do contato entre primos na condição de imigrante se mostrou muito importante. O fato de uma quantidade razoável de primos do senhor Ali e dona Ada viverem na mesma cidade que eles, cria uma

dinâmica de relações muito interessante ao que se refere aos objetos como um elemento de manutenção do contato entre eles, como veremos a seguir.

Na casa do senhor Ali e dona Ada os objetos ausentes são acionados a medida que sua presença se faz necessária. Muitas vezes ouvi de dona Ada: “minha prima tem”, “minha hermana tem”, eu mesma fui buscar alguns deles ao longo da observação participante. Isso pressupõe a existência de um círculo de ações que regem o cotidiano dos imigrantes libaneses muito ligado e parecido ao cotidiano vivido no Líbano, no qual as famílias compartilham entre si desde o espaço até os objetos (OSMAN, 2007). Esse “não ter” nos sugere que há um amalgama, aparentemente inconsciente, para que se possa manter uma ligação, mesmo que esparsa, nas relações com os seus conterrâneos, parentes e familiares.

O Objeto ausente pode nos oferecer reflexões muito mais interessantes do que o objeto presente na consolidação das relações sociais entre os libaneses que vivem na fronteira e possuem algum laço de parentesco ou afinidade. O motivo pelo qual esse objeto se insere na categoria ausente pode dizer muito mais sobre as relações entre humanos/objetos e humanos/humanos mediadas por objetos, mas isso exige que se empenhe mais tempo no campo de pesquisa.

A ausência do objeto pode conduzir a reflexão sobre ele colocando-o na condição de não-funcional, desnecessário ou até mesmo supérfluo. Um objeto ausente pode nos sugerir uma rejeição baseada em vários fatores, como, por exemplo, por simplesmente não fazer parte do uso cotidiano dentro da cultura, não ser acessível para compra devido à escassez do objeto ou devido ao custo fora da realidade econômica da família. Este pode também fazer parte de uma escolha deliberada do não uso. Por exemplo, alguém ter um abridor de vinho e não gostar de vinho torna para esse alguém desnecessário tê-lo em sua casa. Essa seria uma motivação particular para não se ter esse objeto. Também podemos usar o exemplo do descascador de legumes que apesar de ser extremamente funcional, não é uma boa opção para algumas pessoas que preferem continuar utilizando uma facincha de corte que seja eficaz para descascá-los.

Outra questão que pode tornar um objeto ausente, excluído do conjunto de aparatos de uso cotidiano é o grau de complexidade de seu uso. As pessoas geralmente não têm o costume de ler o manual de instruções de uso que acompanham alguns objetos e nem todos eles são acompanhados dessas instruções. A maioria dos objetos possuem diretrizes básicas para que seu funcionamento seja explorado de forma correta a partir de especificações que apontam as possibilidades e funções oferecidas para as quais foram desenvolvidos e criados. Por mais simples que sejam, cada objeto é projetado por um *designer* que analisa todas as possibilidades

de uso de um objeto a partir das demandas, sejam elas estéticas ou funcionais. Devemos considerar que nem todas as pessoas estão dispostas ou se sentem à vontade em usar determinados objetos.

Nesse mundo dos objetos da casa de imigrantes libaneses na qual fiz meu campo, o objeto ausente aparece como um dispositivo que ajuda a sustentar uma rede de relações que a família construiu ao longo de sua vida com parentes que da mesma forma vieram para o Brasil buscando melhores condições de vida. Os objetos ausentes aos quais me refiro foram percebidos como tais por mim durante a observação participante, a cozinha foi a parte da casa que mais solicitou a presença desses objetos, se destacando um espremedor de batatas, que foi emprestado por sua prima, um réchaud (utensílio que mantém a comida quente) e uma travessa de vidro que foram emprestados por uma de suas irmãs.

Como eu já apontei anteriormente, os imigrantes libaneses costumam se fixar em locais nos quais já existem outros imigrantes libaneses, geralmente onde possam conviver com alguns amigos e familiares. Dessa maneira eles acabam formando pequenas comunidades de patrícios que são consolidadas através do vínculo familiar onde esse objeto ausente tem um fluxo constante reforçando e mantendo essas relações por meio de uma dança dos objetos que circulam entre eles.

As gavetas de talheres com suas facas, garfos, colheres, escumadeiras, conchas, pegadores, cortador de pizza, etc., e os armários de cozinha onde se guardam as travessas, bandejas e panelas, normalmente usados na cozinha brasileira, estão sempre sendo acionados nesse fluxo de circulação e fazem parte do rol de objetos usados pelos imigrantes libaneses.

2.2 A COZINHA E A DANÇA DOS OBJETOS

A cozinha é o lugar de intensa vida, é nela que os objetos inertes em prateleiras e armários parecem ganhar vida, lembrando o antropomorfismo sugerido por Baudrillard (2009). Cada um deles têm seu propósito e são cuidadosamente lavados e guardados depois de servirem na sua função. Ali estão a panela de fazer coalhada, o bule de “chai”, as xícaras, formas, tabuleiros, travessas, escumadeiras, garfos, que são constantemente usados. Os objetos que se encontram na cozinha servem como elementos de interação entre as mulheres libanesas. Emprestar e pegar emprestado é uma constante entre elas, principalmente no período do Ramadan, quando uma quantidade razoável de comida de todos os tipos é cuidadosamente preparada pelas mulheres libanesas para a quebra diária do jejum islâmico. O jejum vai do nascer do sol até o pôr do sol.

É nesse período que as comidas tipicamente libanesas são feitas e quando aparecem os objetos mais inusitados para confecção dos alimentos.

Um desses objetos que tive oportunidade de conhecer no período do Ramadan foi o *tabuu* que foneticamente para a língua portuguesa tem o som parecido com o de *taabi* que significa tábua. Uma tábua arredondada com um pequeno cabo de tamanho proporcional a palma da mão com um desenho na parte central escavado com um formão no qual se modela a massa de uma bolacha que elas chamam de *Ka'ak*. Essa palavra soou aos meus ouvidos como som que lembra foneticamente a palavra *cake* no inglês onde é usada para designar alguns tipos de bolachas comestíveis. A massa é cuidadosamente separada em pequenas bolas e uma por uma amassada contra a tábua. Quero deixar aqui registrado que antes delas serem modeladas eu que enrolei cada uma delas formando bolas do mesmo tamanho. A massa, depois de modelada no *tabuu* é colocada rapidamente num pequeno forno artesanal elétrico feito de latão onde em poucos minutos cresce como uma bolacha destacando o desenho encrustado.

É interessante pensar que se algum dia eu tivesse tido contato com essa pequena tábua, não saberia de modo algum que é uma forma artesanal para se moldar bolachas. Os desenhos feitos na tábua de *Ka'ak* não seguem um padrão, existem tábuas com motivos diferentes esculpidos nelas. A tábua *Ka'ak* foi trazida do Líbano e sem ela dificilmente dona Ada conseguiria fazer suas bolachinhas dentro do padrão que sempre fez quando vivia em sua terra natal. Depois de prontas as bolachas são distribuídas para as pessoas próximas e permitem que haja uma interação bem comum entre os libaneses no período do Ramadan.

Figura 6 - Preparo do Ka'ak



Foto elaborada pela autora, 2019

Os objetos que circulam entre as cozinhas dos primos e irmãos de dona Ada fazem parte, em sua maioria, de um inventário que agrega objetos peculiares a cozinha brasileira. Alguns objetos mais simples usados no cotidiano da cozinha brasileira não eram comuns para os imigrantes libaneses até algumas décadas atrás. Temos que lembrar que os períodos de guerras e conflitos nos privam das coisas mais comuns provocando uma carência de objetos que faz com que uma simples embalagem de plástico, como uma garrafa *Pet*¹⁹, se transforme em um recipiente tão importante quanto um copo ou uma caneca.

2.3 COMER COM AS MÃOS. AS MÃOS COMO INSTRUMENTO A SERVIÇO DAS TÉCNICAS DO CORPO

As mãos fazem anatomicamente parte dos braços que se compõem de ombro, antebraço, dedos e mãos. Esse conjunto permite diversas possibilidades de ações que se reorganizam culturalmente gerando movimentos que fazem parte das técnicas corporais entendidas por Mauss (1974) como “maneiras como os homens servem-se dos seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211) sendo o corpo entendido por ele como “primeiro mais natural instrumento do homem” (ibidem, 1974, p. 217).

¹⁹ O QUE É PET? O PET – Poli(Tereftalato de Etileno) - é um poliéster, polímero termoplástico. <<http://www.abipet.org.br/index.html?method=mostrarInstitucional&id=81>> Acessado 11 Fev 2020.

A experiência de comer com as mãos não é costume de uma só cultura. Quando penso quais comidas brasileiras me permitem dispensar os talheres consigo fazer uma lista considerável de alimentos que sem perceber como com as mãos, na verdade quase todas as culturas têm um ou mais tipos de alimentos que se come com as mãos. O Taco mexicano, a Empanada chilena, a Tipa paraguaia, o Cachorro quente brasileiro não se come com talheres, se come com as mãos. Não nos damos conta da quantidade de comida que são feitas para se comer sem qualquer tipo de talheres. Mas o que teria de diferente o comer com as mãos para os imigrantes libaneses?

Comer com as mãos exige um padrão de higiene e o costume de lavar-se antes das refeições entre os árabes, persas e etnias tribais do Norte da África é algo que se aprende desde bem cedo, isso torna a ação algo que é cotidianamente realizado. Na Índia por exemplo o comer com a mão também é praticado. Segundo Wilson (2014) “a preferência cultural por comer com as mãos tende a se tornar os convivas muito sensíveis à higiene” (WILSON, 2014, p. 235). É obvio que o lavar as mãos implica preservar a saúde já que existem diversas doenças, mas no caso dos imigrantes libaneses os quais pesquisei tem uma ligação direta com a religião islâmica e um dos seus princípios, a ablução. É importante frisar que essa religião enfatiza a limpeza física e a purificação espiritual²⁰. A ablução, lavagem das mãos e de parte do corpo ou corpo inteiro é uma prática religiosa que faz parte do rito que complementa as cinco orações diárias, um dos Pilares do islã praticados pelos muçulmanos.

Parte do período da pesquisa de campo se deu o Ramadan, período em que a produção de alimentos se intensifica devido ao jejum que se dá desde o nascer do sol até seu desaparecimento total no horizonte. Nesse tempo pude observar a intensa preocupação de dona Ada com a limpeza da cozinha, seus utensílios, seus armários e principalmente com a higiene dos legumes, frutas, verduras e carnes a serem usados no preparo das comidas. Como ajudei no preparo de alguns alimentos tive que ter um cuidado mais que especial com a lavagem das minhas mãos e antebraço e com meus cabelos. Reconheço que dona Ada estava correndo um grande risco permitindo que eu a ajudasse. Qualquer coisa que saísse errado na feitura de cada tipo de pratos poderia ser atribuída a ela devido a permitir a minha presença.

Lembro a primeira vez que fiz uma refeição com essa família num tempo anterior a pesquisa. Desfrutando de sua culinária tão diferente da brasileira e de sua hospitalidade tive o cuidado de anteriormente saber, com alguns colegas que tinham um contato social mais

²⁰ Mais informações sobre esse tema: < <https://www.islamreligion.com/pt/articles/2149/viewall/higiene-pessoal-parte-1-de-2/> > Acessado em 11 Fev 2020.

constante com eles, como me comportar à mesa. Confesso que a ausência de talheres me causou um profundo estranhamento e fiquei sem saber o que fazer com as mãos. Meu temor era usar a mão errada para pegar os alimentos, isso porque “Não só a mão esquerda fica fora da ação - por ser usada para fazer a higiene pessoal e ser, portanto, “impura” - como também há normas estritas sobre os dedos da mão direita que devem ser usados” (WILSON, 2014, p. 235). No caso da família do senhor Ali, as regras com os dedos não se aplicavam, nem tão pouco havia impedimento do uso do “triunvirato garfo/faca/colher” (Ibidem, 2014, p. 236), até porquê os filhos nascidos no Brasil utilizam frequentemente os talheres ao fazerem suas refeições.

Durante a realização do trabalho de campo pude novamente usufruir do sabor e da hospitalidade dos libaneses. Sem os talheres, o pão árabe se transforma. Ele é ao mesmo tempo garfo e colher. A mão assume a função da faca no corte da carne ou de outros alimentos mais rígidos. A comida muito quente não é uma opção muito comum à mesa. O alimento quente é um limitador do uso das mãos (Ibidem, 2014, p.236), por isso, a temperatura que é servida a comida árabe é geralmente amena, mas os pratos quentes não são dispensados, o estrogonofe de frango, a lasanha e alguns tipos de sopas são servidos esporadicamente.

2.4 A MESA

Lembro de ter frequentado essa casa muitas vezes quando os filhos ainda eram menores e pude perceber que as mesas nas quais faziam suas refeições continuam as mesmas. A diferença é que eles cresceram e podem comer à mesa na sala principal. Os espaços continuam os mesmos, mas os corpos mudaram de lugar. A agitação da idade e a pressa de fazer tudo de uma vez para poder fazer nada moviam as crianças pela casa em uma frenesi que se misturava ao som da voz desesperada da mãe em um tom mixado de árabe libanês e português. Era uma tentativa de fazer com que se aquietassem e usufríssem da refeição, resultado de um trabalho árduo que lhe tomava a manhã toda.

A mesa simples de material plástico resistiu à tormenta da infância, aos espancamentos como desabafo do descontentamento, ao calor do ferro de passar roupa, das panelas quentes e dos carvões em brasa do Arguile. Com as marcas do desgaste ainda latente em sua superfície a mesa que resistiu as agruras do tempo ainda se presta a seu uso. Inerte no lugar que sempre esteve desde a chegada nessa casa, a mesa continua sendo um objeto de suma importância para realização de algumas atividades domésticas cotidianas. Sem ela o espaço que ocupa seria um vazio, um pedaço acabrunhado da casa no qual só lhe restariam o pisar de passos apressados em função dos afazeres cotidianos.

A mesa de plástico, como essas que geralmente são usadas nos bares e restaurantes, está localizada num pequeno espaço próximo a cozinha onde disputa lugar com uma sapateira, um balcão com compartimentos para guardar panelas e travessas e sobre o qual se descansam os cachimbos de água usados para fumar Arguile. Um armário suspenso que também comporta alguns utensílios e um sofá estreito preso a duas paredes que se alongam em duas laterais da mesa completam o entulhamento de objetos nesse pequeno cômodo. Ela está ali há anos devido aos espaços escassos e condições estruturais da casa. Ela pode ser movida, mas isso obrigaria uma reformulação da ordem dos objetos organizados nesse espaço. Sempre pronta a receber pessoas ao seu redor se tornou um lugar de encontro, um lugar onde histórias são compartilhadas e o cotidiano se desenrola. Kopytoffy (2007) ressalta que em situações de contato cultural uma biografia das coisas ajudaria a se saber mais “sobre a adoção de objetos estrangeiros” ao que se refere “a maneira pela qual eles são culturalmente redefinidos e colocados em uso” (KOPYTOFFY, 2007, p. 93). A mesa de plástico é um desses objetos que possuem uma biografia própria numa significação constante do seu uso na vida da família do senhor Ali.

A mesa de jantar de oito lugares que fica na sala de estar junto a uma cristaleira dividem o espaço no qual se localizam duas cadeiras estofadas, um sofá com dois lugares e um sofá com três lugares, uma estante que comporta um televisor, porta-retratos e objetos variados como livros, peças de decoração e uma mesa de centro separando a estante dos sofás. Cada um desses objetos compõem o espaço da ampla sala conjugada.

James Gibson (1979), citado por Ingold (2012), afirma que “o mobiliário de um cômodo inclui as *affordances* que permitem ao morador realizar suas atividades quotidianas: a cadeira convida e permite sentar; a caneta, escrever; os óculos, enxergar; e por aí vai” (GIBSON, 1979 apud INGOLD, 2012, p.28). Nessa perspectiva temos objetos comuns, ou seja, não tradicionais, que preenchem e fazem parte da organização do espaço da casa. Os objetos não tradicionais fazem parte de um inventário de objetos que podem estar presentes em qualquer casa e fazem com que o espaço ganhe sentido em seu uso, possibilitando que a configuração de um cômodo da casa seja preenchida com objetos que fazem parte da vida familiar e pessoal de cada morador. Essa configuração promove uma interação entre os moradores da casa e objetos conectando pessoas/objetos/pessoas, objetos/ pessoas/objetos.

Cada cômodo da casa do senhor Ali e dona Ada têm seus objetos organizados de forma a poder suprir necessidades de cada um dos componentes da família em sua individualidade e enquanto grupo de pessoas que convivem num mesmo espaço. Baudrillard (2007) assinala que

independente de gosto ou estilo os móveis e objetos estão dentro da casa para “personificar as relações humanas” ao mesmo tempo que “povoam o espaço” (BAUDRILLARD, 2007, p. 22). Assim cada objeto que compõe o mobiliário da casa evoca ao mesmo tempo o uso de maneira individual e coletiva e “convida e permite se fazer algo com ele” (Ibidem, 2012, p. 28).

A maioria dos móveis e utensílios da casa são os mesmos desde quando entrei na casa pela primeira vez há uns anos. As camas que sempre foram grandes por incrível que pareça são as mesmas, os guarda-roupas, a estante, os sofás, as mesas e cadeiras também. Na cozinha os armários, o fogão, são os mesmos de antes, as duas geladeiras é que ganharam a companhia de um freezer vertical, o micro-ondas tem agora ao seu lado uma cafeteira dessas modernas e uma torradeira, mas de uma forma geral os talheres, pratos, panelas, formas, baixelas, xícaras, copos, exceto os potes e bacias de plásticos são os mesmos.

Os únicos elementos que compõem a ambiência do espaço que foram trocados por serem objetos que se enquadram no conceito de mercadorias obsoletas produzidas para serem trocados de tempos em tempos são o televisor, o ar-condicionado e a máquina de lavar roupas (BAUDRILLARD, 2009). Ao indagar sobre como era o preço dos móveis no Líbano dona Ada se limitou a dizer que era “Muito caro! Tudo muito caro!”. A memória de um tempo passado no Líbano sobre a dificuldade de se adquirir um móvel devido ao preço elevado faz com que o padrão de estilo de vida adotado pelo casal seja o de rejeitar formas de “comportamento e consumo” típico de quem não viveu “em condições de severa limitação material” (GIDDENS, 2002, p.13).

3 IDENTIDADE

Giddens (2002) analisa a importância dos regimes, sejam eles ligados ao vestuário, alimentação ou qualquer outro fator que tenha sido “social e culturalmente organizado”, como fundamentais para o estabelecimento de uma auto-identidade²¹. Esses regimes funcionam como uma regra que estabelece o modo de vida ou a forma de viver dentro de uma sociedade. Os imigrantes libaneses que vivem na TF demonstram acionar constantemente esses regimes para reafirmarem suas identidades culturais, principalmente ao que se refere à dieta alimentar, aos hábitos culturalmente praticados pela família de origem, aos costumes religiosos e à vestimenta.

²¹ Desde 2009 com o novo acordo ortográfico, no caso do prefixo **auto**, só devemos usar hífen se a palavra seguinte começar por “h” **ou** por vogal igual. Mas a citação está respeitando a forma da escrita usada em período anterior a mudança. Pela regra atual seria escrito “autoidentidade”.

O modo como os imigrantes libaneses se organizam no espaço urbano da cidade, com suas lojas de produtos e comidas tradicionais, vem ao longo dos anos criando uma atmosfera que promove uma retroalimentação dos seus hábitos culturais na TF, embora haja muitos jovens que se sintam mais brasileiros do que libaneses por terem nascido no Brasil o modo como a comunidade árabe libanesa se organiza e se articula não deixa espaço para que extrapolem e sejam totalmente recalcitrantes aos costumes e tradições aos quais estão ligados pela filiação.

Os filhos do senhor Ali e dona Ada, como jovens descendentes de imigrantes libaneses, têm consciência de suas nacionalidades mistas e transitam entre essas duas identidades de acordo com o que lhes é conveniente. Hall (2014) ressalta que o conceito de identidade é demasiado complexo, isso porque ele se desloca por entre a cultura onde são acionados elementos como raça, gênero, classe, etnia, nacionalidade em momentos diferentes na vida do indivíduo. Esses jovens descendentes da primeira geração de imigrantes demonstram ter desenvolvido certa habilidade em acionar esses elementos quando suas identidades são de alguma forma ameaçadas ou questionadas, no intuito de colocá-los em desvantagem de alguma forma, seja no âmbito familiar ou social.

Alguns jovens nascidos no Brasil constantemente trocam os regimes ligados a alimentação e vestimenta evocados pela descendência libanesa pelos da nacionalidade brasileira, principalmente ao frequentarem espaços e círculos de amizade onde se sentiriam desconfortáveis por serem diferentes. Geralmente abandonam o comer com as mãos e o usar o lenço. Dentro de suas casas alguns deles optam por comer com as mãos, mas o uso do véu é algo mais difícil de se negociar por ser uma decisão de compromisso pessoal religioso.

No caso do comer com as mãos para os libaneses, mais do que um hábito de comer, existe uma satisfação ao fazê-lo notadamente visível para quem os observa. Isso vai de encontro ao que Giddens (2002) salienta como uma ação que aparece como estímulo o qual recai “sobre a origem do indivíduo e sobre uma certa auto-imagem que ele ou ela cultiva” (GIDDENS, 2002, p. 63).

Ao participar de suas refeições pude, com meu olhar intruso, perceber alguns momentos em que o comer com as mãos gerava breves instantes de introspecção da parte do senhor Ali e dona Ada. Seus olhares se distanciavam como se o ato de comer com as mãos os levasse de volta a algum lugar no passado. Como afirma Pollak (1992) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, e essa

“construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que

se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.” (POLLAK, 1992. p. 204)

Hall (2014) se reportando a Benedict Anderson que trata as culturas nacionais como “comunidades imaginadas”, observa que a identidade cultural é produto da cultura nacional a qual nascemos. O modo de ser de qualquer que seja a nacionalidade aparece como um “conjunto de significados” que representam uma determinada “cultura nacional” na qual existem aspectos comuns que nos identificam com tal nacionalidade (HALL, 2014, p. 29-38). Apesar desses aspectos comuns Hall (2014) observa que variações decorrentes de diferenças culturais fazem com que o entendimento das identidades nacionais como unificadas e homogêneas seja analisada. No caso dos imigrantes libaneses, a língua árabe aparece como elemento unificador e a religião e alguns objetos que transitam entre as relações sociais, principalmente os objetos ligados aos ritos religiosos, aparecem como elementos da diferença.

No caso da imigração para o Brasil Gattaz (2007) destaca que os imigrantes libaneses e sírios tratados como turcos, devido ao domínio do Império Otomano na região denominada Monte Líbano, criaram uma identidade que é tecida sobre o “mito do *mascate* e a manutenção ou rejeição das identidades culturais da região e da religião de origem através dos laços familiares, da participação (ou não) nos clubes da colônia, e frequência (ou não) à igreja ou à mesquita” (GATTAZ, 2007, p. 44).

“O ofício de *mascate* foi fundamental na definição da imagem que os brasileiros fazem do grupo imigrante libanês e serviu de instrumental para a ascensão social tanto de cada indivíduo como do próprio grupo. A *mascateação* tinha as vantagens imediatas de dispensar qualquer habilidade ou soma significativa de recursos, não exigir mais do que o conhecimento rudimentar da língua portuguesa (auxiliado pelo conhecimento prévio do francês), e possibilitar a acumulação de capital em função exclusiva do esforço individual. Depois de poucos anos de *mascateação*, o capital dos libaneses deslocava-se para o varejo e dali para aplicações no comércio atacadista e sobretudo na indústria, constituindo um setor totalmente integrado verticalmente, em que as indústrias e os atacadistas supriam as necessidades de uma rede ampla de varejistas e comerciantes ambulantes pertencentes à mesma etnia (...)” (GATTAZ, 2007, p. 44-45)

Esse mito deu ao imigrante libanês uma identidade forjada em cima de uma falta de conhecimento da língua e da geografia do país. Essa mesma identidade ainda reverbera na vida cotidiana do imigrante libanês da TF. Alguns comerciantes de origem libanesa da região contam que seus pais eram *mascates* quando chegaram em Foz do Iguaçu. Uma das versões sobre a própria história do primeiro libanês que chegou na TF na década de 1950 confirma essa particularidade (BARAKAT, 2008). Em minha pesquisa de campo pude observar dois objetos

que aparecem como marcadores da identidade, o Arguile e o lenço. Esses podem ser entendidos ao mesmo tempo como elemento unificador e elemento da diferença. É importante frisar que a escolha desses dois objetos se deu devido a ênfase que lhes é dada pelos imigrantes libaneses que vivem na casa onde realizamos a pesquisa.

3.1 FUMAR ARGUILE. O OBJETO ANTIGO E SEU ESPECTRO

Durante os quatro meses de campo, período de Abril a Julho de 2019 que frequentei essa casa, pude presenciar por muitas vezes senhor Ali chegar em casa após seu dia de trabalho trocar sua roupa, calçando um chinelo bem mais confortável que o sapato social que usa todos dias e calmamente escolher os melhores torrões de carvão para que após serem colocados no fogareiro de latão fossem deixados sobre a boca do fogão até virarem brasas. Assim começa o processo de preparo do Arguile, também conhecido como *water pipe* (CHAOUACHI, 2002, p.1; WAKED, M.; SALAMEH, P.; AOUN, Z., 2009, p.2) que traduzo aqui como cachimbo de água, que acompanhei inúmeras vezes. Enquanto o carvão vira brasa o cachimbo de água a ser usado é escolhido, a piteira e a mangueira são revisadas, a água do bojo trocada e o fumo de alta qualidade com características adocicadas e aromas bem diversificados são cuidadosamente colocados sobre a bandeja.

Enquanto senhor Ali se ocupava em preparar seu Arguile, sua esposa, dona Ada prepara seu *chai*, o chá-preto que é servido enquanto senhor Ali fuma seu cachimbo de água. Dona Ada não se priva dos protestos por não concordar que o senhor Ali fume. O bule com o chá e a xícara são os objetos coadjuvantes que também fazem parte desse momento. Pude observar que esse momento do fumar Arguile é justamente a hora em que dona Ada se senta na sala para acompanhar seu esposo no *chai* aproveitando o momento para conversar sobre questões familiares e banalidades. Aqui temos alguns objetos que fazem parte do cotidiano dessa família de imigrantes libaneses dentre os quais destacarei a seguir o Arguile.

O uso do Arguile não é unânime dentro do contexto de imigrantes libaneses. Apesar de ser usado por diferentes gerações, alguns libaneses não concordam com seu uso por considerarem nocivo à saúde. Mesmo assim ele é um dos objetos cotidianos que aparecem como marcadores da identidade libanesa na TF. Waked, M.; Salameh, P.; Aoun, Z. (2009) ressaltam que o Arguile “(...) smoking has become fashionable and is extensively used in the Middle

East”²². O Arguile não tem sua origem bem definida, sabe-se que apareceu no oriente. Os autores também apontam outros nomes pelos quais esse objeto é reconhecido, “hubble-bubble, hookah, (...), and shisha”, (AKED, M.; SALAMEH, P.; AOUN, Z., 2009, p.433).

Hunter e Rowles (2005) definem três tipos de herança: a biológica, a de valores e a material, sendo a material ligado a bens como dinheiro, bens patrimoniais, bens pessoais e bens materiais. Vou me ater a questão dos bens pessoais e aos bens materiais (PATRÃO, 2010) que é coerente com a minha pesquisa, não desprezando a importância da materialidade dos objetos em si que permite o surgimento da relevância simbólica. Devido às condições econômicas e história de vida dos imigrantes libaneses e a necessidade de uma abordagem mais materialista do que de valores, por estarem mais enquadrados na categoria de bens pessoais, o conceito de herança material serve como referência para se entender como o objeto deixado como herança é significado nessa família.

No caso da família do senhor Ali o objeto de herança encontrado na casa tem um caráter afetivo, pois de certa forma representa a própria pessoa que fez o objeto. A importância dos objetos para os imigrantes libaneses me possibilita pensar numa relação direta com a emigração que os colocou longe de seus parentes e amigos. O objeto de herança que encontrei foi um velho cachimbo de água abandonado num canto da sala o qual descreverei mais à frente.

Ao entrar na casa libanesa que abriu as portas para que eu pudesse realizar minha pesquisa vários objetos me chamaram a atenção. Desta vez meu olhar foi direto para a vasta quantidade de Arguile que estavam sobre um paineliro, tipo balcão, localizado no canto de uma pequena copa próxima a área de serviço. Lá estavam eles envoltos em um emaranhado de mangueiras e piteiras de várias cores, tipos e tamanhos. O saco de carvão e um pequeno fogareiro com uma pinça artesanal feitos de latão encostados na entrada da cozinha, vistos por mim anteriormente, faziam sentido agora.

Existem muitas versões sobre onde foi inventado o Arguile. Uma delas afirma que foi inventado na Índia durante o reinado do imperador *Akbar* (1556-1605) por um médico chamado *Hakim Abul Fath*, que desenvolveu a seguinte ideia: se o fumo do tabaco passasse por um pequeno recipiente com água antes de ser inalado, teria menos efeitos nocivos à saúde humana. Esse relato histórico pode ser responsável pela crença atual, que é compartilhada por alguns, de que tal cachimbo d’água é uma forma menos prejudicial de fumar tabaco²³.

²² Tradução minha: “tornou-se moda no Oriente Médio, particularmente no Líbano”

²³ Esse tema vem sendo discutido por muitos pesquisadores da área de saúde, antropologia, sociologia e áreas afins (CHAOUACHI, 2000; CHAOUACHI, 2004; LEVANT, 2006; WAKED, M.; SALAMEH, P.; AOUN, Z., 2009; BROCKMAN, 2012; KHEMISS, 2016).

Além da falsa sensação de segurança, as razões para a propagação mundial do uso de Arguiles podem incluir um aumento da consciência dos efeitos negativos do tabagismo (cigarros) sobre a saúde e a interação social agradável que vem com sessões de uso de Arguile. No entanto, fumantes de Arguile geralmente compartilham o mesmo bocal (passando-o de pessoa para pessoa), o que pode facilitar a propagação de doenças transmissíveis, como resfriados, infecções respiratórias, tuberculose, hepatite e herpes. Há relatos de tuberculose resistente a medicamentos transmitida via Arguile (RIBEIRO, 2016, p. 7-8).

A forma como CHAOUACHI, (2004) descreve minuciosamente os elementos que constituem o cachimbo de água e como se dá seu funcionamento.

Malgré ses formes et matériaux très variés, quatre éléments principaux composent le narguilé à présent mondialement connu sous le nom de “shisha” ou “hookah” : le fourneau à tabac (en général de forme conique), le mât (tube vertical de 75 cm à 120 cm en moyenne) de conduite de la fumée, le récipient à eau (une sorte de vase de 500 ml à 1 litre en moyenne) et le tuyau d’aspiration (1,50 m en moyenne). Des braises (charbon naturel ou commercial à allumage rapide) viennent coiffer le tabac tassé dans le fourneau. Dans le cas du tabamel ..., une feuille d’aluminium percée de plusieurs trous est interposée. En raison de la dépression induite par une aspiration dans le tuyau, la fumée descend le long de canule intérieure du mât pour subir un bain forcé dans le vase qui contient de l’eau. De là, elle émerge à la surface du liquide et s’engage, à travers un conduit interne du mât, dans le long tuyau serpentin avant d’atteindre la bouche du fumeur²⁴. CHAOUACHI, (2004, p. 150)

²⁴ Tradução minha: “Apesar suas formas e materiais serem muito variados, quatro elementos principais compõem Arguile que no momento conhecido mundialmente como *shisha* ou *hokah*: o fogão de tabaco (normalmente de forma cônica) o mastro ou corpo (tubo vertical de 75 a 120 cm em média) o recipiente de água (um tipo de vaso de 500 ml a 1 litro em média) onde se dá a combustão e o tubo de sucção (1,50 m em média). As brasas (carvão natural ou comercial com ignição rápida) vêm para tampar o tabaco embalado em papel alumínio no fogão. No caso do tabamel (melado que serve como aglutinante), uma folha de alumínio perfurada com vários furos é interposta para que o carvão não encoste. Devido ao vácuo induzido por sucção no tubo, a fumaça desce ao longo da cânula interna do mastro para passar por um banho no vaso que contém água. A partir daí, emerge na superfície do líquido e conduzido através de um duto interno do mastro, a uma mangueira antes de chegar à boca do fumante.”

Figura 7 - Partes do Cachimbo de água (Arguile)



Fonte: FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. Cachimbos d'água ou narguilés²⁵

A complexidade aparente permite entender porque o Arguile, como objeto, causa tanto encanto. O Arguile como um cachimbo de água tem um tom de alquimia que nos deixa curiosos. Muitos deles trazem detalhes nas peças que compõem sua totalidade que lhes concede uma altivez típica de objetos de arte. O Arguile é um objeto cujo uso evoca um ar de introspecção para os que o usufruem sozinhos e quando compartilhado promove uma sociabilidade agregadora.

O Arguile movimenta todo um mercado de vendas de peças e insumos para que ele possa ser usado. O fumo e o carvão usados são feitos especialmente para o Arguile. Por exemplo, usar um carvão que não vira brasa compromete totalmente o funcionamento do Arguile. As peças para montagem do Arguile são fabricadas separadamente por diversas pequenas fábricas principalmente na China. Segundo relatos de alguns libaneses que vivem em Foz do Iguaçu, o Arguile chega ao Brasil para ser comercializado a partir da década de 1990²⁶.

²⁵ FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Cachimbos d'água ou narguilés"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/drogas/cachimbos-daguaou-narguilés.htm>. Acesso em 27 de dezembro de 2020.

²⁶ No Brasil o uso do Arguile por parte principalmente dos jovens, vem crescendo bastante nos últimos anos, chamando a atenção de lideranças políticas. Enquanto realizava minha pesquisa de campo, um Projeto de Lei do Senado proibindo a propaganda de produtos que adicionem sabor e aroma a qualquer tipo de fumígeno proposto pelo Senador José Serra foi aprovado. O projeto não proíbe diretamente o uso do Arguile, sendo este submetido ao mesmo rigor de restrição dado ao cigarro. A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado aprovou no último dia 3 (de Julho) projeto de autoria do senador José Serra (PLS 769/2015) que avança, adotando novas medidas de considerável repercussão, na política antitabagista que vem sendo desenvolvida com êxito pelo país

O objeto apresentado a seguir me provocou observar sua relação com as pessoas da casa. Um velho e lindo cachimbo de água (CHAOUACHI, *ibidem*, WAKED, M.; SALAMEH, P.; AOUN, Z., *ibidem*) artesanalmente moldado e gravado em latão, o qual posteriormente soube que foi feito pelo pai do senhor Ali, que estava cuidadosamente colocado no canto da sala ao lado de uma cristaleira de vidro junto a mais dois cachimbos de água me chamou a atenção. Com desenhos esculpidos em relevo se destacando entre os outros que eu já havia visto na casa. Inerte ao lado da cristaleira da sala de jantar, impõe sua altivez e encanta pelos detalhes informes de seus desenhos encrustados no bojo.

Figura 8 - Partes do Cachimbo de água feito pelo pai do senhor Ali



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019

Passei alguns dias observando se alguém da casa fazia contato direto com ele já que se tratava de um Arguile aparentemente funcionando. Esse objeto realmente se mostrava invisível aos olhos dos que frequentavam a casa. Os da casa não tiveram contato com o cachimbo de água até o dia em que indaguei sobre ele. A filha mais nova foi quem me explicou sobre o cachimbo de água e sua origem. Ao perguntar sobre aquele Arguile descobri que se tratava de

desde 1996, quando foi aprovada a Lei 9.294. Fonte: Projeto de Lei do Senado nº 769 de 2015 < <http://www6g.senado.leg.br/busca/?q=PLS+769%2F2015> > acesso 03/12/2019.

um objeto de herança feito artesanalmente pelo pai do senhor Ali que não era usado havia um tempo, mas estava presente para lembrar de quem o fez.

Outros dois Arguiles se encontram dispostos um de cada lado do Arguile confeccionado pelo pai do senhor Ali e da mesma forma são guardados ali cuidadosamente. Um deles, um modelo com um abafador geralmente usado em espaços abertos e com vento. Os três, segundo relato da filha do senhor Ali, são usados em ocasiões especiais quando mais pessoas da família, tios (as), primos (as) e amigos chegados, se reúnem.

Figura 9 - Cachimbos de água (Arguiles)



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019

O Arguile ou cachimbo de água possui um valor de ambiência que o localiza dentro de uma historicidade. De acordo com Baudrillard (2009) alguns objetos

parecem contradizer as exigências do cálculo funcional para responder a um propósito de outra ordem: testemunho, nostalgia, evasão. Pode-se ser tentado a ver neles uma sobrevivência da ordem tradicional e simbólica. Mas tais objetos, ainda que diferentes, fazem parte eles também da modernidade e dela retiram seu duplo sentido. (BAUDRILLARD, 2009, p.81)

O Arguile também aparece como objeto de herança e memória. Como afirma Baudrillard (2002) os objetos carregam consigo significados e memória. O objeto cachimbo de água feito artesanalmente pelo pai do senhor Ali não deixa de ser um produto cultural resultado da cópia de um modelo usado como referência, mas o que o torna diferente é simplesmente a carga de afeto, memória, sentimentos e sensação de pertencer que se desdobram e ressignificam a concretude desse objeto. Segundo relato da filha do senhor Ali o Arguile feito por seu avô e usado por ele e por sua família no Líbano por alguns anos foi dado a seu pai ao vir para o Brasil na década de 1990 como um presente, já que no Brasil não havia facilidade de se comprar um. Esse foi usado por algum tempo e ainda o é em ocasiões especiais.

Os cachimbos de água usados diariamente pelo senhor Ali e seus filhos estão num nível de mercadoria produzida para satisfazer uma demanda comercial dos usuários desse objeto enquanto o cachimbo de água de latão feito pelo pai do senhor Ali, embora tenha um certo status de mercadoria, foi significado de forma diferente ao passar para as mãos do senhor Ali. Embora os dois objetos sejam reproduções materiais do objeto cachimbo de água o objeto usado pelo senhor Ali para fumar tabaco e o objeto artesanalmente feito pelo seu pai possuem valores que agregados a experiência humana fazem uma conexão homem/objeto que gera expectativas diferentes. Aqui as relações sociais têm sua origem intermediadas por um objeto que é a reprodução do outro, mas com significados peculiares.

Olhado do ponto de vista histórico o Arguile, antes de ser popularizado e chegar até aos espaços públicos, tem seu uso ligado à quebra do jejum diário o qual acontece no período do Ramadan. O Arguile é um objeto que teve a sua popularização no Líbano influenciada pelos artistas ocidentais do século XVIII que romantizaram seu uso no consumo do tabaco. A partir desse momento o Arguile vai se transformando em um elemento agregador de socialização passando a fazer parte do cotidiano do país, nas casas, ruas e estabelecimentos comerciais (MEIHY, 2016).

No Brasil²⁷ o Arguile chega como produto comercial entre o final dos anos de 1990 e começo do ano 2000 (MARQUETTI, 2017). Segundo alguns comerciantes brasileiros da região

²⁷ Sobre a chegada do Arguile como produto comercial no Brasil: Tudo sobre a cultura do Narguile < <http://www.hajj.com.br/tudo-sobre-a-cultura-do-narguile/> > Acessado em 23 Jan 2020.

de Foz do Iguaçu, nesse período o uso do Arguile pelos adolescentes e jovens²⁸ não libaneses nos espaços urbanos teve um crescimento considerável. Em 2001 nos finais de semana era comum encontrar grupos de jovens e adolescentes sentados em roda, nos gramados de parques conhecidos da cidade, fazendo uso do Arguile. Vendidos em qualquer comércio de Ciudad del Este no Paraguai levou pouco tempo para chegar até o comércio de São Paulo e se espalhar pelo Brasil. Atualmente se tornou comum encontrarmos o Arguile com seus acessórios e insumos sendo vendido em lojas e espaços especializados em diversas cidades, inclusive em Foz do Iguaçu.²⁹

A variedade de objetos que podemos encontrar em cada seguimento cultural demonstra o nível de criatividade inventiva que o ser humano carrega com ele em sua existência. Posso observar nas peças do Arguile uma fragmentação do objeto, em partes, que surge como uma tendência num determinado momento no qual a indústria reinventa os objetos tornando-os temporalmente limitados. Os objetos que eram feitos para durar passam a ter um tempo de vida determinado. A troca constante de peças ou do próprio objeto aparece como uma vocação que é obedecida e mantida como garantia da manutenção da venda do produto.

A definição usada por Baudrillard (2009) para descrever essa tendência que recai sobre os objetos numa perspectiva que se consolida a partir do cotidiano vivido na década de 1970 é denominada por ele como obsolescência dos objetos, ou seja, um processo de abreviamento do tempo de duração dos objetos produzidos em escala industrial.

Essa tendência fez com que a partir desse momento “um certo equilíbrio na produção das máquinas fosse rompido”, esse equilíbrio tem uma relação direta com uma demanda que se multiplicou e acelerou o processo de “nascimento e morte” de alguns objetos e suas partes (BAUDRILLARD, 2009, p. 10). Os objetos de uso cotidiano antes feitos para terem uma vida longa passam a ser produzidos com matéria-prima mais frágeis ou com pouca resistência para que sua produção crie um ciclo de esgotamento de uso que obrigue sua substituição. O Arguile seguiu essa lógica e se tornou um objeto muito lucrativo para quem os produz e vende.

Essa tendência dos objetos a obsolescência assinalada por Baudrillard (2009) pode ser confirmada pela leitura de Moles (1972) sobre objetos. Moles apresenta o nascimento do *kitsch* na literatura científica de Edgar Morin (*Esprit du Temps*) e posteriormente como um produto do mundo burguês. Um dos significados dado ao termo que tomo aqui é o que trata o *kitsch*

²⁸ Sobre o uso do Arguile por jovens e adolescentes na região de Foz do Iguaçu-PR, ver estudo recente em MARQUETTI, 2017. Fonte: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2930>

²⁹ No Município de Foz do Iguaçu a Lei 4696, de 16 de Janeiro de 2019, acrescenta e altera dispositivos da lei n. 3.557, de 31 de julho de 2009, favorecendo ao uso de Arguiles e seus insumos em estabelecimentos comerciais. < <http://leismunicipa.is/butjw> > acessado em 06 Fev, 2020.

como alguma coisa que é vendida no lugar de outra. Penso que a cópia é o grande motor propulsor da ascensão da classe burguesa, a reprodução de mercadorias em escala industrial evocando esse *kitsch* como “mercadoria ordinária” impregnado de “pensamento ético pejorativo” que transborda em sua concretude como algo cuja força está em sua potência de “negação do autêntico” e possível obsolescência (MOLES, 1972, p. 10).

A definição de obsolescência dos objetos em Baudrillard (2009) cabe muito bem para o objeto Arguile que abordo em minha pesquisa, um objeto que foi se deslocando ao longo da história e hoje virou um produto vendável cuja comercialização é explorada pelos libaneses da TF.

3.2 O LENÇO E SEUS ARGUMENTOS

O lenço, véu ou *Hijab* se tornou uma marca de identidade das imigrantes árabes, mas nem todas se submetem a seu uso. No caso das imigrantes libanesas que vivem na Tríplice Fronteira o uso ou não do *Hijab*, lenço ou véu tradicionalmente usado pelas mulheres que seguem a religião islâmica sendo denominadas muçulmanas, é uma decisão que atravessa as várias condições de traslado ou não dessas mulheres. Quando falo do traslado ou não dessas mulheres me refiro às categorias usadas por Osman (2007) para classificar os movimentos, no sentido de direção, que a migração de libaneses se articula. Osman faz a seguinte classificação: existem os libaneses que saíram do Líbano e emigraram para o Brasil, existem os que nasceram no Brasil e emigraram para o Líbano e existem os libaneses que retornaram do Brasil para o Líbano. Dentro dessas classificações ou categorias estão as mulheres e as diferentes formas de entender o uso do *Hijab*. Cada uma das mulheres inseridas nessas categorias possuem uma visão peculiar sobre o uso ou não do *Hijab*.

Ter convivido com imigrantes no ambiente da TF por alguns anos me permitiu ouvir sobre muitas questões de cunho pessoal envolvendo o uso do lenço e da mesma forma sobre seu não uso. Pude ouvir algumas mulheres imigrantes libanesas em suas várias faixas etárias, cada uma delas trazem suas razões e argumentos que se enquadram e atravessam desde a perspectiva religiosa até a identitária corroborando direitos e deveres. Devido ao fato de os homens circularem mais no cotidiano público eles acabam falando mais sobre o uso ou não do lenço do que as mulheres, mas isso pelo simples fato de terem mais contato com a população que circula na TF do que às mulheres. As mulheres libanesas, em sua maioria e não totalidade, habitam mais a esfera privada ou simplesmente circulam em seus carros tendo contatos mais

esporádicos com as mulheres brasileiras e mais frequente com mulheres libanesas ou brasileiras casadas com homens libaneses e convertidas ao islamismo.

Tive a oportunidade de perguntar a uma brasileira descendente de árabes libaneses nascida no Brasil nos anos de 1960 sobre o uso do lenço. Como filha de imigrantes libaneses que chegaram no Brasil nos anos de 1950 segue a religião de seus pais, mas não se sente apta a falar sobre o uso ou não do lenço. Outra imigrante libanesa nascida na década de 1950 no Líbano, veio com seus pais para o Brasil ainda nessa década, fez uma comparação ao modo de se vestir de Maria mãe de Jesus se referindo a fé católica e observando que as brasileiras deveriam se vestir igual a Maria, pois ela se vestia como Maria e as brasileiras que se diziam católicas, não.

É importante entender que não existe uma opinião uníssona sobre o uso ou não do lenço, a não ser a de cunho de doutrina que a religião islâmica prega. Aparentemente, como no catolicismo, as leituras sobre a doutrina, na maioria das vezes, são interpretadas por um ângulo pessoal, ao que se refere seguir parte ou seguir o todo e, portanto, são muitas versões obtidas através do ouvir sobre o uso cotidiano do lenço. É certo que a condição de imigrante dê a mulher libanesa muçulmana uma liberdade maior de tomar decisões particulares, exercendo e experimentando uma autonomia que nunca teve oportunidade de exercer. Mas a distância da sua terra natal, conseqüentemente longe de um julgamento mais enfático de sua família e do círculo social e religioso mais rígido que a cercava, não a livra da vigilância da comunidade muçulmana que a cerca dentro do contexto social que vive (CARDOZO, 2013).

A condição de imigrante implica, para a mulher libanesa, o afastamento de um mundo dado para um mundo desconhecido e em devir, ou seja, um mundo a se construir. A evocação da identidade imigrante da mulher libanesa muçulmana que vive na TF passa por esse objeto, o lenço, cuja significação ganha outras conotações justamente pela mudança de perspectiva do dentro e do fora que permite fazer do lenço, como destaca San Román (2006), um símbolo de identidade pessoal que vai além dos outros significados que já carregava até então. Ressalto aqui que, na perspectiva de um feminismo laico, o lenço é considerado uma representação da opressão patriarcal (LANRABET, 2014) e que essa ideia também é compartilhada por mulheres muçulmanas. Esse detalhe pode ser confirmado por meio de um referendo realizado no ano de 2003 na França pela *Stasi Commission* sobre o uso do lenço quando algumas imigrantes muçulmanas se manifestaram contra a obrigatoriedade do seu uso (YTURBE, 2006).

O lenço, véu ou *Hijab* como é designado por algumas imigrantes libanesas que vivem na TF as quais tive contato, vem se tornando motivo de reflexão antropológica e jurídica em países como França e Espanha devido a uma questão de laicidade (Ibidem, 2006) pela qual o

lenço de um simples costume e marcador religioso ganha, com a proibição nesses países, o cunho de "elemento emblemático de identidad de los pueblos árabes, cosa que no era" (SAN ROMÁN, 2006, p.6).

De acordo com o relato de dona Ada ouvido por mim durante a pesquisa de campo o uso do lenço é um costume que ela observa desde muito cedo, praticado por ela, sua mãe, suas irmãs, suas tias e primas. Para ela sair do Líbano não mudou nada sobre usar o lenço. O lenço é um costume comum entre as libanesas que vivem no Líbano e pertencem a religião islâmica. Mas o uso do lenço ainda "é o aspecto mais polêmico, entre todas as idades" tanto para as que não nasceram lá e hoje vivem no Líbano, sejam solteiras ou casadas, descendentes e não descendentes (OSMAN, 2007, p. 259).

A opção de sua filha que nasceu e foi criada no Brasil, pelo não uso do lenço, é respeitado, mas para ela mesma é conflitante. Ao perguntá-la porque não usava o lenço me respondeu que simplesmente não gosta. Quando indaguei sobre como se sentia acerca dessa opção disse que sentia culpa devido a tudo que aprendeu sobre sua religião, tem medo de ser condenada por *Alláh* e inclusive tem sonhos sobre isso constantemente, o que a levou a procurar uma terapeuta para lhe ajudar com seus conflitos quanto a não querer usar o lenço.

Igualmente como acontece no Líbano algumas meninas que nasceram na TF desde bem cedo já usam o lenço, mas não é algo que se possa dizer comum entre as meninas de nacionalidade brasileira-libanesa. Alguns pais consideram que o uso precoce do lenço, por parte das meninas, facilita desde cedo a adaptação ao modo de se vestir de uma mulher libanesa muçulmana. O interessante é que muitas vezes a insistência em usar o lenço vem da própria criança, que se espelha na mãe, na irmã mais velha, na tia ou nas avós por parte de pai ou mãe. Presenciei alguns processos de transição do uso do lenço durante os anos que vivi na TF e pude perceber que não existe uma obrigatoriedade de uso, cada família e cada seguimento religioso de origem muçulmana tem seu modo de lidar com essa transição (BARAKAT, 2008, p.151)

Tive a oportunidade de presenciar em várias ocasiões anteriores à pesquisa algumas famílias libanesas e seus modos de lidar com o tema sobre o uso do lenço ou não na infância, mas rememoro dois exemplos que posso usar como ilustração para tornar consistente, no sentido da formulação de dados, o que acabo de argumentar acima. Esses exemplos estão na condição temporal que me remete há alguns anos, mas que cabem muito bem nesse ponto da escrita, no qual a narrativa me impele a trazer o cotidiano já vivido como forma de corroborar meu testemunho dando sentido e conjuntividade ao que descrevo.

O primeiro exemplo está relacionado a decisão de usar o lenço de uma menina com seus oito anos de idade. Eu já havia visto muitas meninas com menos de doze anos usando lenço, mas pensava que o uso estava ligado ao seguimento do islamismo a qual sua família fazia parte. É interessante observar que quanto mais me aproximava dos imigrantes libaneses e de sua cultura mais rompia com as interpretações equivocadas que o olhar de fora me proporcionava. O olhar de fora corrompe o sentido das ações, deforma o que se vê. O ângulo de reflexão e de incidência não são coplanares como num espelho plano que não deforma as imagens. A aproximação me favoreceu ter um olhar sobre alguns detalhes por meio dos quais o sentido de algumas ações aleatórias ganha as suas nuances, mas meu olhar permanece intruso.

Quando utilizo o substantivo “nuances” quero justamente salientar que os motivos pelos quais se justificam a decisão de uma menina com menos de doze anos reivindicar o uso do lenço são diversos. Nesse caso específico o uso do lenço além de ter relação com o seguimento religioso que a família faz parte e se incorpora às relações de afeto que fazem com que a menina seja incentivada a usar o lenço, ou seja, o simples fato de a menina querer agradar seu pai a levou a reivindicar o direito de usar o mesmo ainda tão pequena. O interessante é poder voltar por ocasião da pesquisa de campo à TF e vê-la como uma jovem já adulta, totalmente à vontade, ainda usando seu lenço.

O segundo exemplo vem de uma outra menina que havia completado seus nove anos, uma pré-adolescente que toma a decisão de usar o lenço sem ter passado por qualquer processo de adaptação anterior. Da mesma forma que a outra, nascida no Brasil, resolve passar pela cerimônia do lenço junto com as colegas que frequentam a mesma Mesquita. A cerimônia do lenço é feita quando as meninas completam nove anos no calendário islâmico para assumirem a religiosidade. Geralmente é montada uma peça teatral com as meninas que completaram a idade, sendo essa apresentada na mesquita em um dia de culto para toda comunidade.

A motivação aqui ganha outra tonalidade. Ao ouvir suas motivações percebi que eram totalmente diferentes das de sua colega e vizinha de oito anos que morava no mesmo prédio e brincava junto com ela todos os dias. Ela não queria ser a única a não usar o véu no meio do grupo de meninas que além de frequentarem a mesma Mesquita frequentavam a mesma escola. Havia mais um motivo além desse que justificava ainda mais a sua decisão repentina, a dificuldade que tinha em dominar seus cabelos.

A escovação diária na tentativa de diminuir seu volume era um desgaste constrangedor para ela. O lenço se tornaria um bom alibi para manter seu cabelo longe dos olhos e da crítica dos outros. Para as mulheres muçulmanas tomar a decisão de usar o lenço é um compromisso religioso pessoal que elas assumem diante de sua comunidade. Mas esse compromisso lhe

concede a liberdade de não o usar em casa, se não estiverem presentes homens que se pretenda conceber matrimônio e pessoas que não possuam vínculo familiar próximo (OSMAN, 2007).

Sua atitude posterior reforça que a verdadeira motivação para usar o lenço vinha de sua dificuldade em lidar com seu cabelo. Logo que soube que poderia usar alguns produtos químicos para aquietar seu cabelo rebelde, voltou atrás na decisão e abandonou o uso do lenço antes de completar seus quinze anos. Atualmente, já adulta e com seus cabelos lisos devido ao efeito de químicos, ela continua a não usar o lenço.

O uso ou não do lenço entre as imigrantes libanesas e brasileiras descendentes de libaneses sejam elas casadas ou não, vivendo no Brasil ou no Líbano, é um tema polêmico atravessado por muitas questões religiosas, familiares e pessoais (OSMAN, 2007, p.259). Como um objeto que traz consigo a tradição do costume, ao que se refere a imigrante oriunda do Líbano ou descendente dos que de lá vieram e também quando usado ou não pela imigrante muçulmana oriunda de qualquer país, ganha potência e se desdobra em seu significado. Como um objeto de potência o lenço usado fora ou dentro do seu lugar de costume pela imigrante libanesa e pela descendente brasileira-libanesa, além de trazer consigo o dilema sobre usar ou não, ainda sofre com a interferência da opinião masculina que quando não impõe têm grande influência na tomada de decisão de seu uso (Ibidem, p. 261).

O lenço como objeto pode se apresentar como um lugar de tensão para algumas mulheres imigrantes libanesas que vivem na TF, mas não para todas como vimos acima no caso de dona Ada. Não descarto que uma leitura não ocidental sobre o uso ou não do lenço influencie na decisão de usá-lo ou não, mas a possibilidade de as sugestões externas a sua cultura só reforçarem àquilo que anteriormente já era uma opinião pessoal formada também não pode ser descartada.

A partir do momento em que a mulher libanesa se desloca transformando-se em imigrante e tem contato cotidiano com costumes outros diferentes dos seus, a probabilidade de que ela se torne susceptível ao ambiente social a sua volta é real. Analisando algumas conversas informais que tive com mulheres libanesas que chegaram na TF na década de 1980 e não usam o lenço, pude constatar que elas optaram pelo não uso para se tornarem invisíveis. Havia uma certa insegurança por estar vivendo entre uma população que se vestia totalmente diferente.

Giddens (2002) destaca que “em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção do corpo” é um modo de se demonstrar e exteriorizar simbolicamente uma

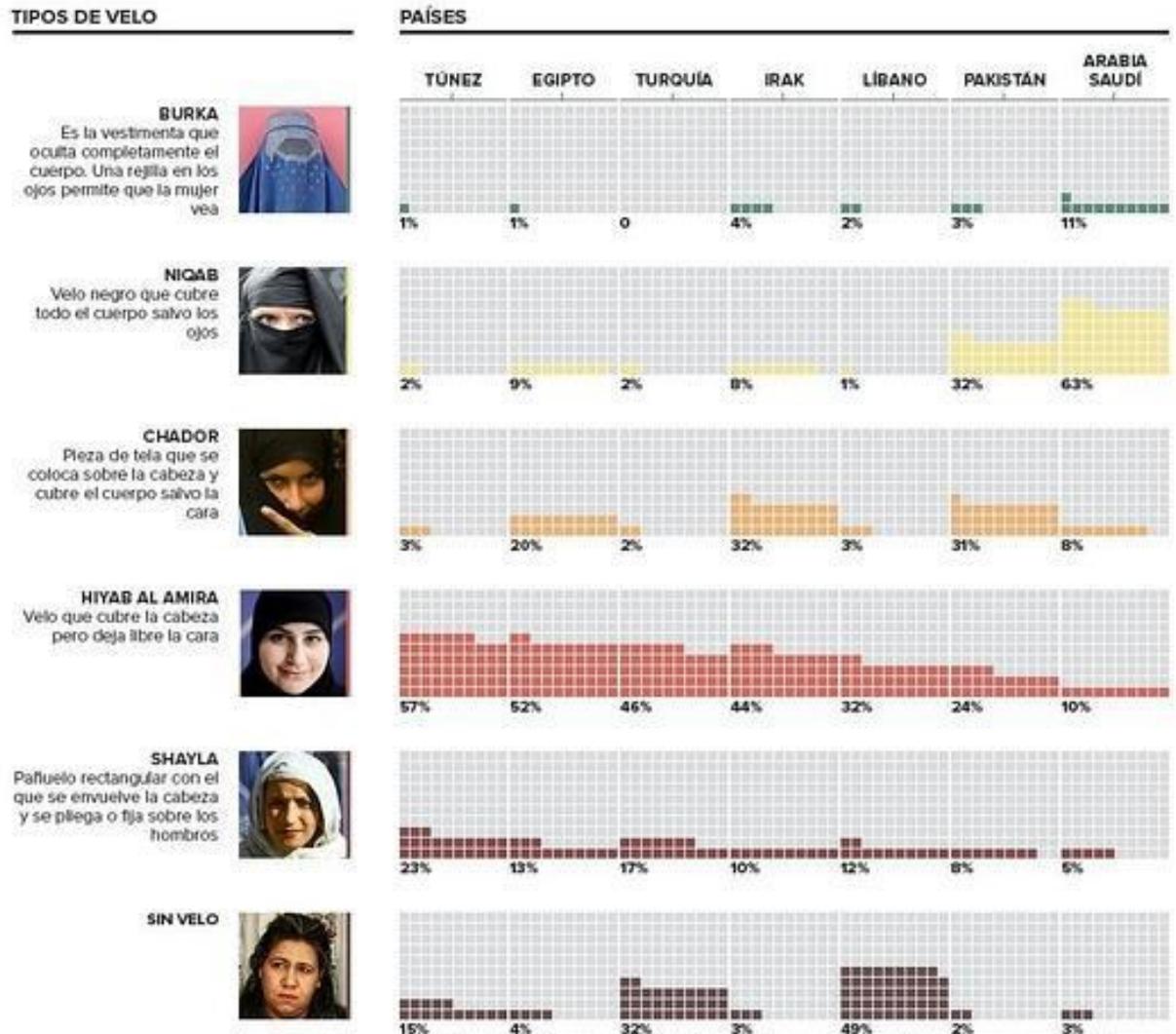
“narrativa da auto-identidade”³⁰ (GIDDENS, 2002, p. 62). Atualmente viver na TF proporciona a mulher imigrante libanesa um certo conforto quanto ao uso do lenço, já que a comunidade libanesa que vive nessa região é consideravelmente grande e o hábito de usar o lenço é visto pelos moradores da cidade como algo comum entre as libanesas, salvo os turistas mais desinformados que sentem algum estranhamento.

Normalmente as mulheres imigrantes libanesas que se deslocam pela cidade de ônibus ou de carro se sentem à vontade ao fazê-lo, mesmo debaixo do olhar e curiosidade de alguns. O lenço como objeto metamorfo assume uma variedade de formas. Como podemos ver no quadro apresentado abaixo ele muda de nome, de forma e de estilo. Mais do que costume o lenço se apresenta como objeto de identidade, representatividade e pertencimento.

O infográfico estatístico que vemos a seguir foi elaborado pela Universidade de Michigan durante o ano de 2013 como resultado de pesquisas realizadas com intuito de saber qual o tipo de vestimenta seria mais adequada para se usar em um país islâmico, aponta que no Líbano comparado aos outros países existe uma tolerância muito maior quanto ao não uso do lenço. No Líbano a diversidade religiosa permite que ortodoxos, presbiterianos, católicos, maronitas, drusos e muçulmanos convivam a ponto de serem realizadas uniões matrimoniais entre muçulmanos e cristãos (GATTAZ, 2007). Esse aspecto social pode ser entendido como fator preponderante para que o Líbano entre os sete países pesquisados seja o mais tolerante quanto ao usar ou não o lenço.

³⁰ Auto-identidade: o eu entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia. (GIDDENS, 2002, p. 221)

Figura 10 - Tipos de Lenço



Fuente: Universidad de Michigan, EE.UU.

Fonte: Universidade de Michigan. EEUU. In: El diário Vasco, 2014

3.3 O MASBAHA E O JOGO DE PALAVRAS

Apesar do senhor Ali ter um *Masbaha* de trinta e três contos, não tem o costume de usá-lo. O uso do *Masbaha* exige que o migrante libanês tenha memorizado os noventa e nove nomes ou atributos e virtudes dadas a *Alláh*. Apesar da maioria dos libaneses da geração do senhor Ali não terem tido a oportunidade de aprender a ler e escrever o árabe devido as condições sociais em que viviam ou em consequência dos conflitos e guerras que o Líbano sempre esteve envolvido, a tradição oral permitiu que muitos deles recebessem ensinamentos dos mais velhos. Os mais novos, principalmente os nascidos no Brasil, já tiveram um acesso

maior a escola sendo alfabetizados bem cedo. Dona Ada relata que só conseguiu frequentar a escola por três anos quando já era uma adolescente. A única opção para alguns era o decorar os noventa e nove nomes de *Alláh* e as orações que devem ser feitas diariamente. O senhor Ali também frequentou muito pouco a escola e não sabe ler com desenvoltura o árabe. Esse pode ser o motivo do *Masbaha* não ser um objeto que seja usado cotidianamente pelo senhor Ali, apesar de ele dizer que apenas não tem o costume de fazê-lo.

Caminhando pela cidade de Foz do Iguaçu é comum encontrar pelo menos um libanês com um tipo de colar de pedras arredondadas em suas mãos. Segurando as contas entre o polegar e o indicador num movimento repetitivo, cadenciado, passando de uma pedra a outra enquanto balbucia os noventa e nove nomes de *Alláh* ou repete uma mesma frase, geralmente retirada de algum capítulo preferido do Alcorão, até que se dê por satisfeito.

Durante a pesquisa encontrei um libanês sentado com dois amigos a frente à sua loja de sapatos manuseando seu *Masbaha* e balbuciando algumas palavras em voz baixa. Normalmente eles costumam recitar os nomes, ou melhor dizendo, as virtudes e atributos de *Alláh*. Ao me aproximar e perguntar o que repetia disse-me traduzindo em alto e bom som: “Graças a Deus!”, que em árabe se diz *al-hamdulillah*, mas pela convivência que tenho na TF com os imigrantes libaneses, ele só quis facilitar meu entendimento e poupar o tempo que levaria para me explicar, que estava se dirigindo a *Alláh* pronunciando suas virtudes, afinal são noventa e nove nomes atribuídos a *Alláh* em árabe clássico.

O *Masbaha* ou terço marca o nível de espiritualidade e fé de alguns imigrantes libaneses, mas seu uso também não é unânime. Vi que a maioria dos que usam o *Masbaha* já têm uma certa idade. Não vi jovens usando. Há alguns anos antes do evento de onze de Setembro via mais imigrantes libaneses com o *Masbaha* pelas ruas, pelo menos do jeito tradicional que é o de recitação de alguma Sura, que são os capítulos contidos no Alcorão ou a recitação dos noventa e nove nomes de *Alláh*. É interessante observar que o *Masbaha* se assemelha muito ao Rosário usado pelos cristãos católicos em seu formato. A quantidade de contas está em total harmonia com os noventa e nove nomes de *Alláh*.

Um senhor libanês que morava no mesmo prédio que eu na região central de Foz do Iguaçu certa vez me explicou que havia dois tipos de *Masbaha* e que se diferenciavam pela quantidade de contas. A quantidade de contas era proporcional à quantidade de nomes atribuídos a *Alláh* pelos muçulmanos. Assim um crente muçulmano pode ter um *Masbaha* de trinta e três e de noventa e nove contas. O *Masbaha* pode ser feito de vários materiais, sendo o de madeira o mais tradicional. Como pude observar, usar o *Masbaha* no contexto da TF, denota

o conhecimento da língua e escrita árabe,³¹ além de conceder a quem o usa um status de afirmação da identidade libanesa por meio da religião. O *Masbaha* em versão atualizada pode ser encontrado em pedras coloridas e como joias, favorecendo as mulheres muçulmanas que costumam usar como braceletes.

3.4 OBJETOS PROTETORES

Alguns objetos protetores estão ligados aos símbolos religiosos do islamismo e às culturas de alguns países árabes localizados próximos e que de certa forma exercem ou exerceram alguma influência sobre o Líbano em algum momento histórico. Os princípios religiosos que regem a conduta muçulmana condenam a atribuição de poderes às imagens e objetos, no entanto, é comum observar a presença de objetos ligados a superstições nas casas onde vivem alguns imigrantes libaneses na TF, isso se deve ao fato de que nem todos os imigrantes são muçulmanos e nem todos muçulmanos entendem esses objetos como amuleto³².

É notório que esses objetos quando lidos pela ótica cultural brasileira corresponderiam aos amuletos (FARELLI, 1981; DA MOTTA LODY, 1988; JÚNIOR, 2010), inclusive porque alguns deles já foram absorvidos por nossas crenças. Os objetos como “olho grego”, um verso do “Alcorão” ou uma “Mão de Fátima” são os mais usados e conhecidos. Nem todos os imigrantes libaneses são muçulmanos, existe uma comunidade Druza e cristã bem significativa na região, por isso não é em todas as casas que encontramos esses objetos.

O primeiro objeto aparentemente foi criado pelos turcos e apropriado por algumas culturas do Mediterrâneo, África e Oriente Médio. Também conhecido pelo nome de *Nazar*, o “olho turco” (BOZKURT e TEMÜR, 2014, p. 26) é um amuleto usado para proteção do que no Brasil conhecemos como mau-olhado³³ e também da má sorte. Ele é usado em chaveiros, em pulseiras e colares vendidos como souvenirs no comércio local. Para os libaneses que vivem na Tríplice Fronteira ele é entendido como um objeto de proteção da inveja e do mau-olhado,

³¹ Sobre a importância da escrita árabe ver estudos específicos em HANANIA, Aida R. **O papel da imagem na tradição Árabe**. Ecco S Revista Científica, v. 3, n. 2, p. 37-50, 2001. & HANANIA, Aida Rámeza. Imagem e escrita na Weltanschauung árabe-islâmica: antropologia e educação. **Educação & Linguagem**, v. 16, n. 2, p. 99-113, 2013.

³² Martins (2019, p. 3) "amuletos protegem, enquanto talismãs dão poder à pessoa". Não encontrei nenhuma relação de objetos encontrados na casa dos imigrantes libaneses na qual fiz a pesquisa que pudesse ser colocado na categoria de talismã, que é um objeto feito especialmente para a pessoa a qual pertence.

³³ Para saber mais sobre a crença sobre “mau-olhado” no contexto árabe e mundial < http://community.worldheritage.org/articles/eng/Evil_eye > Acessado 01 Fev 2020; TUNCER MANZAKOĞLU, Bilgen; TÜRKMENOĞLU BERKAN, Saliha. Evil Eye Belief in Turkish Culture: Myth of Evil Eye Bead. 2016. < <http://hdl.handle.net/11413/1430> > Acessado em 01 Fev 2020.

assim que ele quebra é logo substituído por outro. Se quebrou foi porque funcionou e protegeu de algum mal.

Alguns desses amuletos entraram no Brasil muito antes dos imigrantes libaneses. Sena (2015) observa que entre os africanos escravizados trazidos para o Brasil haviam muçulmanos, os quais eram denominados *malês*, que trouxeram com eles seus amuletos. Esses muçulmanos que viveram na Bahia por volta dos anos de 1800 traziam consigo versos do Alcorão escritos em pequenos papéis colocados dentro de pequenas bolsinhas. Posteriormente essas pequenas bolsinhas foram adotadas pelos adeptos do candomblé ganhando o nome de patuá.

Os versos do Corão ou Alcorão, livro sagrado da religião islâmica que é seguida por uma boa parte dos imigrantes libaneses, também é entendido como objeto de proteção. Não existe um verso específico a escolha fica a critério do dono(a) da casa, geralmente esses versos são estampados em fundo preto com letras douradas escritas em árabe clássico e emoldurados em quadros pequenos, médios ou grandes. A Mão de Fátima (MAÇARICO, 2011) é um amuleto de proteção e sorte de origem árabe. Conhecida como *Hamsá*, que significa cinco na língua árabe, faz alusão aos dedos da mão e aos cinco pilares que todo muçulmano como seguidor do Islã deve cumprir (Fé, oração, jejum, caridade e peregrinação). O nome Fátima faz referência ao nome da filha predileta de Mohammad o profeta e fundador do Islã.

Figura 11- Quadro com versos do Alcorão



Fonte: Foto elaborada pela autora, 2019.

Esses objetos quando visivelmente expostos nas casas, além de trazer à existência uma identidade palpável, têm seu papel na organização das relações sociais. Eles se moldam como uma afirmação de pertencimento a um seguimento religioso e a uma nacionalidade que é consolidada pela existência de uma comunidade atuante e respeitada na cidade. É por meio deles que as famílias de origem libanesa estabelecem a sensação de pertencer. O papel do objeto na produção das relações sociais é uma reflexão que me chama a atenção desde Mauss (2003) que corrobora, justamente, o papel dominante dos objetos na formação das relações sociais (MILLER, 2007).

Uma quantidade considerável desses objetos pode ser vista nas lojas especializadas em produtos árabes, digo árabes porque pude encontrar objetos vindos da Síria e Turquia, mas também observei a presença de objetos produzidos na China, e pelo que sei, alguns são feitos a pedido dos libaneses³⁴. Os libaneses têm um potencial comercial indiscutível e muitos deles falam o mandarim, idioma falado pelos chineses, com o intuito de comercializar e negociar direto com a indústria da China. Desde evento de 11 de Setembro de 2001 nos EUA o mundo árabe tem seu foco desviado para as relações comerciais com a China (PLIEZ, 2012, p. 142) ajudando a estreitar as negociações³⁵.

4 CONCLUSÃO

A história da imigração libanesa no Brasil atravessou o século XX e avança pelo século XXI. Ela resiste aos percalços da globalização que passou a categorizar os tipos de imigrantes que circulam pelo globo. Agora existem os imigrantes, os em diáspora e os refugiados. A presente pesquisa buscou mostrar como uma família de imigrantes libaneses que vivem na Tríplice Fronteira, que conecta as cidades de Foz do Iguaçu no Brasil, Puerto Iguazu na Argentina e Ciudad del Este no Paraguai, estabelecem suas relações sociais e rearranjam suas

³⁴ Existe uma questão bem interessante sobre alguns objetos que aparentemente são de origem árabe, mas são fabricados na China. Quando o objeto tem muita saída, ou seja, tem boa venda, é normal que o produto seja encomendado em grande quantidade de fornecedores chineses. Isso possibilita que o comerciante tenha uma margem de lucro maior. Alguns comerciantes vão pessoalmente à China para comprar, isso pode ser confirmado através dos relatos recolhidos por Alvares (2017, p. 92).

³⁵ Estamos falando aqui no momento em que um vírus (Corona Vírus) se espalha pelas províncias chinesas contaminando a maioria da população. Isso afeta diretamente a produção industrial da China para o mundo. Possivelmente o quadro comercial irá mudar diante dessa adversidade, prejudicando a produção e comercialização de vários produtos, afetando diretamente aos comerciantes libaneses que dependem de tal produção. (DE PENSAERT e DE BOUCK, 1978; CLARK, 1993; GALLAGHER, 2001; VAN DER HOEK, 2004; LAU, 2005; CAVANAGH, 2007; GROOT, 2013)

identidades a partir de suas relações com objetos tradicionais e objetos não-tradicionais para construir um novo modo de vida a partir de sua vida cotidiana no espaço da casa.

As intersecções, que formam o corpus teórico de minha pesquisa, mostram um pouco da complexidade que envolve a história de vida destes imigrantes em suas peculiaridades assim como a vasta perspectiva operatória entre objetos e pessoas que precisam ser exploradas pela pesquisa antropológica. Esta pesquisa apresenta apenas uma pequena parte das articulações entre os corpos e os objetos no cotidiano onde se dão as relações sociais e familiares, permitindo refletir sobre como esses objetos são significados a partir dos deslocamentos geográficos. A pesquisa com imigrantes libaneses mostrou que se conectar ao lugar deixado para trás acionando os objetos preenche o espaço temporal onde o futuro se relaciona com o passado (GIDDENS, 2002, p. 50) para dar sentido ao agora.

Os atravessamentos e as intersecções entre objetos, pessoas e lugares marcam a transversalidade proposta no título dessa dissertação e funcionam como suporte teórico para se entender de quais pessoas e objetos estão sendo tratados em minha pesquisa. As escolhas que tecem o conteúdo da pesquisa seguiram o caminho orquestrado pelos relatos e anotações do caderno de campo. Por uma questão ética e de segurança dos próprios interlocutores nem todos os relatos e observações feitas se encontram descritas no presente trabalho. A condição de imigrantes libaneses, em que meus interlocutores são considerados nesta pesquisa, se relaciona ao fato de terem vindo para o Brasil com a intenção objetiva de trabalhar e residir no país.

Temos aqui uma pesquisa etnográfica com observação participante adaptada aos padrões do século XXI, onde as identidades se tornaram fluídas num devir constante de reformulações e a globalização promove o sujeito à categoria de cidadão do mundo. Essa fluidez denota um mundo que simbolicamente aparece sem as delimitações que marcam as fronteiras dos Estados nacionais, mas que ainda se encontram presas a projeções regionais de origem do sujeito (BAUMAN, 2001). É bom salientar que essa regionalidade faz com que essa fluidez esteja carregada de elementos culturais. As projeções atadas a esses elementos culturais se afluam a partir de seus aportes sociais e permitem ao imigrante fazer do modo de vida antigo um modo de vida novo que se adapte, por meio de uma antropofagia cultural sensível, ao modo de vida novo se remodelando e dando continuidade ao modo de vida anterior, sem romper totalmente com regimes, princípios e fins.

Na minha perspectiva há mais do que uma fluidez, há uma simbiose mesmo que contida ou controlada que torna a vontade de ser do antes se remontar na vontade de ser de agora. As gerações de imigrantes libaneses da atualidade são o resultado de um exercício constante de desprendimento exercitado pelos que vieram antes. Vivem no modo de uma cultura elástica que

os deixa ir sem os deixar desprender do que ficou dando a entender que essa condição de imigrante é sempre temporária.

O papel dos objetos na vida dos imigrantes, independente de origem, na formulação globalizante do mundo de agora, se torna algo de vital importância para reorganização social do modo de vida em lugares distantes na busca de qualidade de vida e bem-estar para os seus. A saga dos imigrantes libaneses, a busca de uma condição melhor para viver diante das adversidades da vida que se interpunham por meio de guerras e conflitos intensos até a década de 1990, fizeram com que eles buscassem novos horizontes para dar continuidade a sua própria existência como povo. Eles se movem de acordo com as barreiras que vão se interpondo entre eles e o amanhã.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Graciele et al. **A presença árabe muçulmana na fronteira: o caso da cidade de Guaíra-PR**. 2017.
- ARRUDA, Aline Maria Thomé. (2007), **A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai)**. Dissertação de mestrado, Centro de Pesquisas e Pós Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília.
- ARRUDA, Aline Thomé. **Diferenciação e Estereotipificação–Libaneses na Fronteira Brasil-Paraguai-10.5102/uri.v0i0.480**. Universitas: Relações Internacionais, v. 5, n. 12, 2008.
- BARAKAT, Aretusa Catiúscia Cardoso. **A reconstrução e manutenção da identidade libanesa em Foz do Iguaçu**. História na Fronteira, v. 1, n. 1, p. 143-161, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida** (P. Dentzien, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.(trabalho original publicado em 2000), 2001.
- BÉLIVEAU, Verónica Giménez; MONTENEGRO, Silvia. **La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio**. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006.
- BOZKURT, K. O. Ç.; TEMÜR, Akın. **The superstitious Mystery behind the eye: the symbol of eye and the way that the evil eye bead is reflected in turkish Society from the ancient history to the present**. Journal of History School (JOHS) Haziran 2014, Year 7, Issue XVIII, pp. 11-50.
- BROCKMAN, Libby N. et al. **Hookah's new popularity among US college students: a pilot study of the characteristics of hookah smokers and their Facebook displays**. BMJ open, v. 2, n. 6, p. e001709, 2012.
- CABREIRA, Marcia Maria. **Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa**. EccoS revista científica, v. 3, n. 1, p. 93-103, 2001.
- CARDOZO, Poliana Fabíula. **A imigração árabe em Foz do Iguaçu: conservando sua cultura através de suas instituições representativas**. Organizações e Turismo. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- CARDOZO, Poliana Fabíula. **Eu nasci no Brasil mas o Líbano é o meu país–jovens descendentes de libaneses em Foz do Iguaçu: identidade plural**. História: Questões & Debates, v. 58, n. 1, 2013.
- CAVANAGH, Dave. **Coronavirus avian infectious bronchitis virus**. Veterinary research, v. 38, n. 2, p. 281-297, 2007.
- CHAOUACHI, Kamal. **Le narguile**. Transdisciplinary doctoral thesis, Université Paris X, Paris, 2000.

CHAOUACHI, Kamal. **Shisha, hookah. Le narguilé au XXI^e siècle. Bref état des connaissances scientifiques.** Le Courrier des Addictions, v. 6, n. 4, p. 150-152, 2004.

CHAOUACHI, Kamal. **Culture matérielle et orientalisme. L'exemple d'une recherche socio-anthropologique sur le narguilé.** Arabica, v. 53, n. 2, p. 177-209, 2006.

CLARK, M. A. **Bovine coronavirus.** British Veterinary Journal, v. 149, n. 1, p. 51-70, 1993.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de Janeiro. ROCCO, V.5, 1997.

DA MOTTA LODY, Raul Giovanni. **Pencas de balangandãs da Bahia: um estudo etnográfico das jóias-amuletos.** Museu Carlos Costa Pinto, 1988.

DE GROOT, Raoul J. et al. **Commentary: Middle East respiratory syndrome coronavirus (MERS-CoV): announcement of the Coronavirus Study Group.** Journal of virology, v. 87, n. 14, p. 7790-7792, 2013.

EL DIARIO VASCO. **Cubiertas por el islan.** JOSÉ MANUEL ANDRÉS MADRID Sábado, 6 septiembre 2014, 07:49 – tipos de velo. Fonte: Universidade de Michigan. EEUU. < <https://www.diariovasco.com/sociedad/201409/06/cubiertas-islam-20140906001906-rc.html> > Acessado em 14/01/2020.

FARELLI, Maria Helena. **Balangandãs e Figas da Bahia: o poder mágico dos amuletos.** ACF [ie AC Fernandes], 1981.

GALLAGHER, Thomas M.; BUCHMEIER, Michael J. **Coronavirus spike proteins in viral entry and pathogenesis.** Virology, v. 279, n. 2, p. 371-374, 2001.

GATTAZ, André Castanheira. **Do Líbano ao Brasil: História oral de Imigrantes.** Salvador: Pontocom, 2012.

GATTAZ, André Castanheira. **Líbano uno e diverso: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil.** História Oral, v. 10, n. 1, p. 43-62, 2007.

GELL, Alfred. **A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia.** Concinnitas, ano 6, volume 1, número 8, julho de 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Zahar, 2002.

GOSDEN, Chris; MARSHALL, Yvonne. **The cultural biography of objects.** World archaeology, v. 31, n. 2, p. 169-178, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HANANIA, Aida R. **O papel da imagem na tradição Árabe.** Ecco S Revista Científica, v. 3, n. 2, p. 37-50, 2001.

HANANIA, Aida Rámeza. **Imagem e escrita na Weltanschauung árabe-islâmica: antropologia e educação.** Educação & Linguagem, v. 16, n. 2, p. 99-113, 2013.

HUNTER, Elizabeth G.; ROWLES, Graham D. **Leaving a legacy: Toward a typology**. Journal of aging studies, v. 19, n. 3, p. 327-347, 2005.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JÚNIOR, Francisco Chagas Vieira Lima. **O olho do mal: a crença do mau-olhado no imaginário social da cidade de Imperatriz (MA)**. Revista espaço acadêmico, v. 10, n. 113, p. 102-111, 2010.

KHEMISS, Mehdi et al. **les effets de l'usage du narguilé sur l'état bucco-dentaire Oral health effects associated with narghile use**. La Tunisie Medicale, v. 94, n. 7, 2016.

KOPYTOFFY, Igor. **A Biografia cultural das coisas: A mercantilização como processo**. In: APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Ateliê Editorial, 2014.

LAMRABET, Asma. **El velo (el hiyab) de las mujeres musulmanas: entre la ideología colonialista y el discurso islámico: una visión decolonial**. Tabula Rasa, n. 21, p. 31-46, 2014.

LAU, Susanna KP et al. **Severe acute respiratory syndrome coronavirus-like virus in Chinese horseshoe bats**. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 102, n. 39, p. 14040-14045, 2005.

LEVANT, A. et al. **Intoxication aiguë au CO par narguilé**. Poster, 22e Journee de Tabacologie, 2006.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MARTINS, Alex Swander. **O DIÁRIO SECRETO**. s/n <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/completo/O%20diário%20secreto%20-%20ALEX.pdf> acessado em 21/12/2019.

MAÇARICO, L. (2011): **A mão que protege e a mão que chama: orientalismo e efabulação, em torno de um objecto simbólico do Mediterrâneo**. Tese de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro. Disponible en <http://hdl.handle.net/10400.1/3000>.

MAUSS, Marcel et al. **As técnicas corporais**. Sociologia e antropologia, v. 2, p. 209-233, 1974.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-294.

MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARQUETTI, Maria da Glória Karan et al. **Análise da influência das redes sociais no consumo de narguilé por adolescentes residentes Em Foz do Iguaçu-PR**. Dissertação de mestrado em Sociedades, culturas e Fronteiras, UNIOESTE, 2017. < <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2930> > acessado em 30 Jan 2020.

MEIHY, Murilo. **Os libaneses**. Editora Contexto, 2016.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 13, n. 28, dez. 2007.

MOLES, Abraham A. **O kitsch: a arte da felicidade**. Editora perspectiva, 1972.

MUNRO, Moira; MADIGAN, Ruth. **Negotiating space in the family home. At home: An anthropology of domestic space**, p. 107-17, 1999.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PAGANINI-COSTA, P.; CARVALHO DA SILVA, D. **Uma xícara (chá) de química**. Revista Virtual de Química, v. 3, n. 1, p. 27-36, 2011.

PALAZZO, Carmen Licia. **A cultura material na Rota da Seda: fontes para pesquisa em História Medieval**. AEDOS, v. 2, n. 2, 2009.

PATRÃO, Marta; SOUSA, Liliana. **Transmissão da herança material: uma tarefa normativa das famílias envelhecidas**. Psychologica, n. 52-I, p. 371-393, 2010.

PEIRANO, Mariza GS. **A favor da etnografia**. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.

PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas**. In: SOCIUS Working Papers, n.11. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

PENSAERT, M. B.; DE BOUCK, P. **A new coronavirus-like particle associated with diarrhea in swine**. Archives of virology, v. 58, n. 3, p. 243-247, 1978.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

PLIEZ, Olivier. **Todas as rotas (da seda) levam a Yiwu (China)**. Ilegalismos, cidade e política, p. 141. In: AZAÏS, C.; KESSLER, G.; TELLES, V.S.; Ilegalismos, cidade e política. Editora Fino Traço, Belo Horizonte, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2014.

RABOSSI, Fernando. (2004), **Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira**. Tese de doutorado em Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

RIBEIRO, Marcos; CRUZ, Regina Celina. **Jovens e o uso do narguilé: a saúde pode ser comprometida?**. ASSOBRAFIR Ciência, 2016, v. 7, n. 1, p. 7-10.

SAN ROMÁN, Teresa. **El velo, el Rolex y la Antropología**. Revista periferia, revista de recerca i investigació en antropologia, n. 4, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.

SENA, E. A. **O Islã no Brasil: malês e “árabes” - dois momentos da presença muçulmana no contexto brasileiro**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 38, p. 829-861, 4 jul. 2015.

SIMONI, A.T. & CARDOSO, G.R. & OLIVEIRA, L.P. & BULAMAH, R.C. **Porcos e celulares: Uma conversa com Marilyn Strathern sobre antropologia e arte**. Apresentação de Magda Ribeiro e Luisa Pessoa de Oliveira. Tradução de Alessandra Traldi Simoni e Guilherme Ramos Cardoso. IN.: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em [http://www.ifch.unicamp.br/proa/entrevistas II/marilyn.html](http://www.ifch.unicamp.br/proa/entrevistas/II/marilyn.html), acesso em: 04/01/2020.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra et al. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. 1993.

TRUZZI, Oswaldo. **Presença árabe na América do Sul**. História Unisinos, v. 11, n. 3, p. 359-366, 2007.

VAN DER HOEK, Lia et al. **Identification of a new human coronavirus**. Nature medicine, v. 10, n. 4, p. 368-373, 2004.

YTURBE, Corina. **El principio de laicidad: el caso del velo islámico**. Diánoia, v. 51, n. 56, p. 67-93, 2006.

WAKED, M. et al. Water-pipe (narguile) smokers in Lebanon: a pilot study. **Eastern Mediterranean Health Journal**, v. 15, n. 2, p. 432-442, 2009.

WILSON, Bee. **Pense no garfo!: Uma história da cozinha e de como comemos**. Zahar, 2014.

WOOD, Frances. **The Silk Road: two thousand years in the heart of Asia**. Univ of California Press, 2002.